

Formulário do INDL

As produções de conhecimentos sobre as línguas tem seu escopo definido a partir de algumas temáticas centrais para a metodologia do INDL. Essas temáticas estão sistematizadas num formulário específico, um dos produtos dos inventários, apresentado nesta seção.

O formulário fornece um roteiro básico dos temas de pesquisa, mas em nenhuma maneira totaliza os processos de inventários ou produtos dos inventários. Como um roteiro, o formulário também não esgota as questões possíveis de investigação para cada tema sugerido. Na verdade, os inventários são encorajados a ir além, cobrindo as questões propostas de cada tema e inovando com outras questões e temas pertinentes à situação sociolinguística específica em que estejam trabalhando. Essa informações adicionais podem ser fornecidas no próprio formulário, em campos específicos de observações e detalhes, bem como no relatório de pesquisa que é um dos produtos do INDL.

O formulário também não é uma espécie de questionário de campo a ser respondido por membros das comunidades linguísticas diretamente. Ele é, na verdade, um produto para sintetizar e organizar o trabalho de pesquisa dos inventários, baseados em questões padronizadas, visando a construção de um banco de conhecimentos sobre a diversidade linguística no Brasil.

O formulário está organizado em 6 módulos, conforme o esquema a seguir:

a) Módulo de Identificação da Pesquisa

1. Dados do proponente;
2. Identificação da pesquisa;
3. Escopo do inventário;
4. Documentação de anuência;
5. Avaliação sobre as informações fornecidas;
6. Identificação da área de abrangência da pesquisa;
7. Caracterização da área de abrangência da pesquisa;
8. Aprofundamento das informações;

b) Módulo de Caracterização Territorial

1. Identificação dos locais onde a língua é falada;

2. Caracterização dos locais onde a língua é falada;
3. Demais informações.

c) *Módulo de Identificação e Caracterização da Comunidade Linguística*

1. Identificação da comunidade linguística;
2. População da comunidade linguística;
3. Caracterização da comunidade linguística.

d) *Módulo de Identificação e Caracterização da Língua de Referência*

1. Denominações;
2. Natureza semiótica da língua;
3. Historicidade;
4. Classificações da língua;
5. Língua e variedades;
6. Situação de escrita na língua;
7. Situação político-jurídica;
8. Recursos documentais;
9. Pessoas de referência;
10. Instituições.
11. Qualificação da língua enquanto Referência Cultural Brasileira.

e) *Módulo Diagnóstico Sociolinguístico*

1. Falantes;
2. Aquisição;
3. Transmissão da língua de referência;
4. Escrita e leitura;
5. Situações de usos;
6. Atitudes linguísticas na comunidade;

7. Síntese.

f) Módulo de avaliação de risco e ações de valorização e promoção

1. Ações de valorização e promoção;
2. Vitalidade linguística.

O primeiro módulo é de apresentação à pesquisa, incluindo dados sobre o proponente e metadados. Deve ser respondido uma única vez por cada pesquisa, mesmo que seja um inventário regional. Já os demais módulos deverão ser respondidos para cada língua a ser reconhecida. Ou seja, se uma pesquisa tem como objetivo o reconhecimento de uma única língua, ela deverá responder uma única vez cada um dos módulos. Mas se a pesquisa tem como objetivo o reconhecimento de cinco línguas, ela irá responder o módulo *pesquisa* uma única vez, e os demais módulos separadamente para cada uma das cinco línguas.

Módulos de 2 a 6 reúnem um conjunto de temas destinados à produção de conhecimentos e cada tema contém uma gama de itens e questões. Todos os temas deverão ser objeto de pesquisa e mobilização social dos inventários. No entanto, nem todos os itens de um tema são minimamente necessários para os **inventários básicos**. Outros itens são objetos específicos do **acervo digital** (cf. volume III).

Para facilitar a visualização do escopo diferenciado entre inventários básicos e amplos, e entre as naturezas de cada item de acervo digital e de preenchimento automática, usamos um sistema de cores para cada tipo de item em particular, conforme ilustrado abaixo:

- Inventário básico (sem marcação de cor)
- **Inventário amplo**
- **Acervo Digital**

Existem dois **tipos de informações** pedidas pelos itens dos formulários com relação à natureza dos dados, os procedimentos implícitos para a pesquisa sobre esses dados e o tipo de resposta decorrente que os itens requerem. São eles:

- **Identificação**: informações objetivas, com respostas sumárias e de caráter horizontal, cuja produção de conhecimento pode ser realizada por observações empíricas em

levantamentos de campo, amostragens e/ou estimativas decorrentes de observações e conhecimentos prévios.

- **Caracterização:** os itens de caracterização tendem a ser um desdobramento dos itens sumários de identificação. São informações com base em análises e sínteses de dados de diferentes naturezas, com respostas de caráter descritivo e ensaístico, cuja produção de conhecimento requer uma combinação de dados empíricos e objetivos com pesquisas em fontes secundárias, holísticas e qualitativas.

Os itens também variam de acordo com o tipo de questão proposta. Primeiro, como salientado no volume I há questões de natureza interpretativa, objetivas e deliberativas. As questões interpretativas procuram respostas descritivas. As questões mais objetivas estão divididas entre as questões de múltipla escolha e descritivas. As deliberativas são em geral descritivas. Outras questões são para referenciar a metodologia de pesquisa utilizada e são de múltiplas escolhas. Algumas são *escalas*, i.e. as equipes devem classificar a língua com relação a graus relativos a uma dada questão. Há ainda itens que criam *gráficos*, derivados de uma planilha numérica.

A seguir são apresentados os módulos que compõem o formulário bem como breves orientações de preenchimento.

3.1 Módulo de Identificação da Pesquisa

Nota: este é o espaço para identificação do proponente, do projeto e de parte dos metadados, ou seja, informações sobre o conteúdo disponibilizado no que diz respeito à sua natureza, fontes, abrangência e metodologia de levantamento. Este módulo não corresponde propriamente a um tema de pesquisa, mas nele estão contidas questões preliminares sobre como a pesquisa foi organizada, além de um conjunto de informações preliminares para informar aos leitores sobre sua natureza.

1. Dados do proponente

Nos campos a seguir, preencha com os dados do responsável pelo inventário: nome da instituição e seu endereço, nome do(s) responsável/veis pela pesquisa, formas de contato (da instituição e do responsável, se possível) e o tipo de instituição.

| Nome da Instituição | Endereço | Nome do responsável pela pesquisa | Contatos (e-mail e telefone) | Tipo de Instituição Utilize a tabela de códigos a seguir para indicar o tipo de instituição. |
|----------------------------------|--|-----------------------------------|--|---|
| Laboratório de Línguas Indígenas | Endereço: Campus Universitário Darcy Ribeiro, ICC Sul, Sala BSS 231, CEP 70910-900, Asa Norte, Brasília-DF Endereço postal: Caixa Postal: 4395, CEP 70.904-970, Brasília-DF | Ana Suelly Arruda Câmara Cabral | asacczoe@gmail.com asacc@unb.br ana.cabral@pq.cnpq.br tel: [telefone anonimizado] [telefone anonimizado] | [4] |

| Tabela de códigos - Tipos de Instituição | |
|--|-----------------------------------|
| [1] Associação/Representação de falantes | [6] Instituição Pública Municipal |
| [2] Terceiro Setor | [7] Ponto de cultura ou similar |
| [3] Instituição Privada | [8] Instituição Religiosa |
| [4] Instituição Pública Federal | [9] Fundação |
| [5] Instituição Pública Estadual/Distrital | [10] Outra (<i>especificar</i>) |

2. Identificação da pesquisa

2.1. Nome de identificação da pesquisa

Identifique no campo abaixo a pesquisa. Sugere-se nomear o projeto a partir da identificação da língua, da comunidade linguística ou de uma região multilíngua, eg. “Inventário da língua juruna”, “inventário da região do lavrado de Roraima”, etc..

Inventário da Língua Asuriní do Trocará (Tocantins)

2.2. Objetivo da pesquisa

Nos campos abaixo, indique o objetivo da produção de conhecimento apresentada através deste formulário assim como a(s) língua(s) correspondente(s) a que se solicita o reconhecimento.

| | |
|--|--|
| <input checked="" type="checkbox"/> produção de conhecimento para reconhecimento | De qual/quais língua(s)? Asuriní do Trocará |
| <input type="checkbox"/> produção de conhecimento adicional de língua já reconhecida | De qual/quais língua(s)? |
| <input type="checkbox"/> Outro. Explique: | Qual? Sobre qual/quais língua(s)? |

3. Escopo do inventário

Marque com um X a opção quanto ao Escopo do Inventário. O inventário básico contém o mínimo necessário para o reconhecimento da língua como *Referência Cultural Brasileira*. O inventário amplo contempla produções de conhecimento mais abrangentes sobre uma ou mais línguas. Ambas as possibilidades de inventários possuem a mesma natureza de produtos (formulário, relatório e acervo digital).

Inventário básico

Inventário amplo

4. Documentação de Anuência¹

4.1 Anuência à pesquisa

Anexe documentação comprobatória de anuência da comunidade linguística para a realização da pesquisa. Se o proponente for uma organização com representantes da própria comunidade, esse é o espaço para que isso seja identificado. Se o proponente for organização de fora da comunidade, faz-se necessário a anexação de documentação impressa ou audiovisual conforme normatização pertinente.

Upload de arquivo(s) / Anexar arquivos ao formulário impresso

4.2. Pedido de reconhecimento

Anexe documentação (escrita ou audiovisual) em que a comunidade manifeste petição ou concordância para a inclusão da língua no INDL e seu reconhecimento como Referência Cultural Brasileira.

Upload de arquivo(s) / Anexar arquivos ao formulário impresso

5. Avaliação sobre as informações fornecidas

Neste item, espera-se que os proponentes realizem uma autoavaliação das informações que inscrevem no formulário

¹ Sobre anuências, ver volume I e o Suporte Metodológico (DVD) traz exemplos de documentação de anuência

quanto à abrangência e natureza dos dados, além de fornecer informações sobre fontes e escopo das pesquisas. Demais informações e aprofundamentos sobre a metodologia e execução das pesquisas devem ser fornecidas no relatório de pesquisa – sugere-se que as equipes indiquem nos campos de observações do formulário em qual seção do seu relatório estão disponíveis tais dados².

5.1. Fontes dos dados

As perguntas deste item dizem respeito às fontes de dados utilizadas pela pesquisa: se houve trabalho em campo, i.e. para geração de dados originais e/ou atualização de dados secundários. Isso fornece confiabilidade e atualidade aos dados fornecidos.

a) Houve pesquisa de campo para a produção de dados originais?

Marque com um X a opção adequada.

| |
|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Sim |
| <input type="checkbox"/> Não |

b) Quais dados do formulário foram produzidos e/ou atualizados em campo?

Liste os itens do formulário para os quais houve produção de dados originais em campo, ex.: Módulo de Língua - 5.2 Variedades Internas; Módulo Diagnóstico Sociolinguístico – 1. Falantes; 2. Aquisição; 3. Transmissão da língua de referência.

| |
|--|
| Módulo diagnóstico sociolinguístico - 1. Falantes; 2. Aquisição; 3. Transmissão da língua de referência. |
|--|

c) Com relação aos dados secundários, explique sumariamente:

Preencha com as informações requeridas.

| | |
|--|---|
| Quais tipos de dados foram atualizados em campo? | Censo Vocabulário, frases e diálogos |
|--|---|

² Veja mais informações sobre fontes, abrangência e técnicas de produção de dados no volume I do Guia.

| | |
|---|--|
| | Repertório musical Repertório literário Conhecimentos tradicionais Proficiência linguística em Asuriní e em Português |
| Para quais tipos de dados houve pouca ou nenhuma atualização? | Foram atualizados todos os dados pertinentes |

5.2 Fonte das informações do formulário

Os itens a seguir visam identificar o modo com que cada pesquisa fez o levantamento da população da comunidade, do número de falantes e definiu os tipos de falantes.

a) Como a população da comunidade foi aferida?

Marque com um X. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção “outros”, pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento ou estimativa no quadro de observações.

| |
|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> levantamento populacional total <input type="checkbox"/> estimativa por amostragens <input type="checkbox"/> estimativa por dados secundários <input checked="" type="checkbox"/> outros |
| Observações: Não foram incluídas as pessoas que vivem fora da cidade e que não mantêm contato intermitente com a Terra Indígena. |

b) Como o número de falantes foi obtido?

Marque com um X. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção “outros”, pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento ou estimativa no quadro de observações.

levantamento populacional total

estimativa por amostragens

estimativa por dados secundários

outros

Observações: O levantamento foi atualizado em cada viagem a campo. Conferimos todos os dados do Setor de Saúde na Terra Indígena subordinado à SESAI (Secretaria de Saúde Indígena).

c) Como foram aferidos os tipos de falantes?

Marque com um X. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção “outros”, pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento realizado para aferir tipos de falantes no quadro de observações.

testes de proficiência

auto-declaração

pesquisador falante

conhecimento geral de pessoa chave

outros

Observações: Os resultados das diferentes pesquisas foram cruzados e chegamos a um resultado sem conflitos. Os testes de proficiência foram orais, realizados por meio de entrevistas na língua, junto a todos os que se declararam falantes e considerando o conhecimento de pessoas a respeito dos falantes da comunidade.

5.3 Aprofundamento das informações

Listar as principais áreas do formulário que necessitam de aprofundamento de informações, referenciando o item do formulário correspondente. Neste espaço, os inventários são convidados a fazerem uma autocrítica e informar quais campos do formulário necessitam de pesquisas mais bem detalhadas e aprofundadas.

| | |
|------|--|
| Item | Especificar necessidade de aprofundamento |
| | É necessário aprofundamento de todos os aspectos linguísticos e culturais inventariados. O inventário realizado em dois anos não poderia exaurir o rico manancial que é o conhecimento dos Asuriní de sua cultura. |

6. Identificação da área de abrangência da pesquisa

Neste item, é identificada a área de abrangência da pesquisa contemplando sua denominação, sua delimitação geográfica e sua abrangência em relação aos países, estados, municípios e Terras Indígenas (quando for o caso) que a compõem³.

6.1. Nome para identificação da área de abrangência da pesquisa

e.g. área do projeto “Inventário Juruna”; “Território da Língua Guarani Mbya”; “Comunidade Pomerana do Espírito Santo” (etc.)

| |
|--|
| Inventário da Língua Asuriní na Terra Indígena Trocará |
|--|

6.2. A área de abrangência da pesquisa foi escolhida com base:

Assinale a alternativa adequada.

| |
|--|
| <input type="checkbox"/> num recorte limitado dos locais de ocorrência de uma única língua (inventário por língua) <input checked="" type="checkbox"/> na totalidade dos locais de ocorrência de uma única língua (inventário por língua) <input type="checkbox"/> numa região multilíngue (inventário regional) |
|--|

6.3. Delimitação da abrangência da pesquisa

Identifique nomeando os países, estados, municípios e Terras Indígenas (quando for o caso) que foram abrangidos pela pesquisa em questão.

³ Ver capítulo 4 e 5 para questões sobre territorialidade e a delimitação geo-demográfica da pesquisa

| | Quantos? | Quais? |
|-------------------------|----------|---------------------------|
| Países | 1 | Brasil |
| Estados | 1 | Pará |
| Municípios | 1 | Tucuruí |
| Terras Indígenas | 1 | Terra Indígena do Trocará |
| Territórios Quilombolas | | |

6.4. Identificação dos locais de pesquisa

No quadro a seguir, utilize linhas diferentes para cada local dentro da área de abrangência da pesquisa. Informe o nome do local em português, se houve visita in loco pela pesquisa (i.e. se houve trabalho de campo naquela localidade), as coordenadas geográficas correspondentes para cada local, a localização geográfica e as línguas faladas no local junto com número estimado de falantes por língua [inventários amplos]. Utilize quantas linhas forem necessárias para incluir mais línguas.

| Nome do local | Visita in loco pela pesquisa? | Coordenadas Geográficas | Localização geográfica | Línguas faladas no local | Número de falantes por língua |
|---------------|--|------------------------------|--|--------------------------|-------------------------------|
| TI Trocará | <input type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não | Lat. (X) [] Long (Y) [] | Município:Tucuruí Estado: Pará Terra Indígena: Trocará Território Quilombola: Outros Países: | Asuriní, | 40 |
| | | | | Português, | 500 |
| | | | | Mundurukú | 5 |

- *Se você tiver interesse, sugerimos que preencha o formulário de cadastramento (#hyperlink) para as línguas que foram identificadas na área de abrangência de sua pesquisa, mas que você não está solicitando o reconhecimento.*

6.5. Mapa(s)

Anexe / faça o upload de mapas que representem a área de abrangência da pesquisa

Upload de arquivo(s) / Anexar arquivos ao formulário impresso

3.2 Módulo de Caracterização Territorial

Nota: este módulo do formulário do INDL abrange a identificação dos lugares onde é falada a língua de referência, bem como a delimitação e caracterização do território dessa língua. Além das informações do formulário, os principais locais de ocorrência da língua também devem ser objeto de documentação audiovisual através da produção de fotos e vídeos. Lembre-se que a partir desse módulo, os inventários regionais deverão preencher um formulário para cada língua de referência.

1. Identificação dos locais onde a língua é falada

Neste espaço, serão identificados os locais de ocorrência da língua de referência, dentro da área de abrangência da pesquisa, além daqueles onde a língua ocorre fora da área levantada pela pesquisa.

1.1. Locais de ocorrência da língua fora da área de abrangência da pesquisa

Assinale a opção adequada. Caso confirme a existência de locais onde haja falantes da língua de referência fora da área de abrangência da pesquisa e tais locais sejam conhecidos, preencha o quadro em 1.1.1. Somente preencha o quadro 1.1.1 se estiver seguro das informações fornecidas.

Existem locais onde há falantes da língua de referência, mas que estão fora da área de abrangência da pesquisa?

| |
|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Não |
| <input type="checkbox"/> Sim |

1.1.1 Identificação de locais de ocorrência da língua conhecidos fora da área de abrangência da pesquisa.

| Nome do local em Português | Coordenadas Geográficas | Localização geográfica |
|----------------------------|--|--|
| Não há. | Lat. (X) <input type="checkbox"/> Long (Y) <input type="checkbox"/> | Município: Estado: Terra Indígena: Território Quilombola: Outros Países: |

1.2 Locais de ocorrência da língua na área de abrangência da pesquisa

Preenchimento automático dos locais de ocorrência da língua de referência conforme listados no Item 6.4 do Módulo de Identificação da Pesquisa (para a versão impressa, copie e cole os locais na tabela abaixo).

Para inventários amplos, solicita-se o preenchimento do nome de cada local na língua de referência (quando houver).

Marque com um “X” no espaço apropriado os locais que fazem parte da área correspondente à **comunidade de referência** da língua. Se a pesquisa não fez uma distinção entre comunidade linguística e comunidade de referência, todos os locais deverão ser marcados com um “X”. Compreende-se a comunidade de referência os grupos sociais com os quais o inventário teve maior interação, resultando em ações de mobilização social e produção de conhecimentos mais consistentes.⁴

| Nome do local em Português | Nome do local da língua de referência | Faz parte da área ocupada pela comunidade de referência da língua? <i>SIM</i> |
|---|---------------------------------------|---|
| Terra Indígena Trocará | Trocará | <input checked="" type="checkbox"/> |
| - Lista dos locais onde há falantes da língua identificados em 6.4 do módulo de identificação da pesquisa | | <input type="checkbox"/> |

2. Caracterização do território da língua

2.1. Padrão de distribuição geográfica dos locais de ocorrência da língua

Marque a opção adequada com relação à distribuição geográfica dos falantes da língua de referência.

a) A população falante da língua se encontra:

- Concentrada em uma área geográfica
- Dispersa em áreas geográficas descontínuas

2.2. Caracterização da área da comunidade de referência da língua

Entre os locais assinalados com um “X” em 1.2, forneça as informações abaixo marcando um “X” nos itens que descrevam de forma apropriada os locais de ocorrência da língua. Não marque os itens que não se aplicam às localidades identificadas. Utilize quantas linhas forem necessárias para listar todos os locais desejados.

⁴ Para maiores detalhes sobre essas noções, ver capítulo 4 do volume I.

| | |
|---------|---|
| Local 1 | <p>Uso do solo (marque apenas 1)</p> <p><input type="checkbox"/> Urbano</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Rural</p> |
| | <p>Estatuto Jurídico (marque apenas 1)</p> <p><input type="checkbox"/> Unidade de conservação ambiental</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Terra Indígena</p> <p><input type="checkbox"/> Quilombo</p> |
| | <p>Demografia</p> <p><input type="checkbox"/> População de falantes da língua é demograficamente majoritária</p> |
| | <p>Temporalidade (marque apenas 1)</p> <p>Falantes da língua residem no local:</p> <p><input type="checkbox"/> há menos de 25 anos</p> <p><input type="checkbox"/> há menos de 50 anos</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> há menos de 75 anos</p> <p><input type="checkbox"/> há menos de 100 anos</p> <p><input type="checkbox"/> há mais de 100 anos</p> |
| | <p>Escola (marque mais de um se aplicável)</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Possui escola de nível básico</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Possui escola de nível fundamental</p> <p><input type="checkbox"/> Possui escola com ensino bilíngue / intercultural</p> |
| | <p>Risco</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> É um dos locais onde a língua se encontra em maior risco</p> |
| | <p>Infraestrutura (marque mais de um se aplicável; não marcar se o espaço for urbano)</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Possui rede de eletricidade</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Possui atendimento permanente de saúde</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> Fácil acesso por meios de transporte a centros urbanos</p> |
| | <p>Economia (marque apenas 1, não marcar se o espaço for urbano)</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> a população depende basicamente de recursos e empregos locais</p> <p><input type="checkbox"/> a população depende largamente de fontes de renda oriundas de outros locais</p> |

Observações sobre as respostas aos itens em 2.2

2.2.1 Síntese das características da área da área da comunidade de referência da língua

Sintetizar as características sociais, culturais, geográficas, ecológicas e econômicas da área de abrangência da pesquisa. Ressalte quaisquer fatores de ameaça que possam colocar em risco os grupos sociais que vivem na área pesquisada. Caracterize os locais de forma apropriada, buscando ressaltar as semelhanças e diferenças entre eles.

Sociais

Festas, encontros entre parentes, no dia-a-dia das famílias em que todos falam a língua, ou entre casais e filhos que falam a língua. Nas reuniões há sempre um momento de fala na língua.

Geográficas

Geologia, Geomorfologia e Solos

O Rio Tocantins acompanha uma antiga zona de ruptura de placas continentais, representando uma linha que corre na direção N-S, do Araguaia ao Paraguai. Além de exercer controle sobre o leito do Tocantins, esta zona de ruptura faz com que a região do Trocará exiba uma geologia relativamente variada, pois na medida que nos afastamos da influência aluvionar/sedimentar do leito do rio e seu vale imediato em direção oeste, para as terras mais altas conhecidas como “Serra do Trocará”, encontramos com formações metasedimentares e intrusões de basalto (Figura 2 – Mapa Geomorfológico).



Cachoeira Grande do Rio Trocará, transição geológica 5 km a oeste da Rodovia Transcarnetá

Aproximadamente um terço da Terra Indígena pertence ao complexo geomorfológico do vale do Tocantins, caracterizado pela presença de paleocanais e solos arenosos, resíduos de processos fluviais e da movimentação de sedimentos pelo rio. De forma geral, os solos desta parte da Terra Indígena são latossolos amarelos álicos e solos glei indiscriminados, formados a partir de aluviões antigos arenosos e aluviões recentes arenosos e argilosos, ambos datando do Quaternário, com relevo plano a suave ondulado. Observa-se em vários pontos a ocorrência de seixos rolados, de origem fluvial, no perfil do solo. Vários corpos d'água na Terra Indígena também têm sua origem nos processos geomorfológicos fluviais. O Lago Apinajé, pela sua configuração e localização, representa um paleocanal, hoje separado e distinto da calha principal do Tocantins, porém recebendo influência deste durante as cheias. Mesmo assim, há indícios que o Lago Apinajé tem evoluído sua própria bacia de captação, com uma porção desta bacia ficando fora da Terra Indígena. Foi indicado que o Igarapé do Tabocal, que atravessa a Rodovia Transcarnetá no km 10, seria uma das suas cabeceiras. A análise de imagens de satélite mostrou a presença de outros lagos, bem como áreas baixas que representam zonas de colmatção. Ao longo do tempo, essa zona baixa de influência geomorfológica do vale do Tocantins tem evoluído sua própria rede de drenagem, tal como o Igarapé Carrapatinho, que circunda a aldeia Trocará, desaguardo no Igarapé Ipiratia. Estes igarapés, como o Igarapé Apinajé (que drena o lago), exibem água cor de chá, resultado das substâncias húmicas em solução. Estas substâncias provêm da decomposição da matéria orgânica na floresta, sendo lixiviadas pelos solos arenosos de alta permeabilidade.

A aldeia Trocará está localizada num platô baixo, aparentemente tendo com base uma formação de conglomerado de seixos rolados numa matriz ferralítica. O nível deste platô é acima da cota

máxima atingida pelo Rio Tocantins durante a grande enchente de 1980, motivo pelo qual foi escolhido para o estabelecimento da nova aldeia. Pedacos deste conglomerado são observados nas bordas deste platô, e também nos foi relatado que os poços furados pela FUNASA na aldeia encontraram esta camada. Ao causar impedimentos à drenagem, provavelmente esta camada é responsável pela existência de uma área de campo natural próximo da aldeia.



Conglomerado de seixos rolados em matriz ferralítica, em afloramento próximo da aldeia Trocará

Ecológicas

Nas cassadas e atividades de pesca e coleta, assim como na roça, mas apenas por famílias falantes da língua.

Econômicas

O extrativismo faz parte da economia Asuriní há mais de quarenta anos. Quando os Asuriní moravam na beira do Tocantins (até 1980), utilizavam um barco denominado *Kajuangawa* para viagens semanais para a venda de castanha, farinha e carne de caça em Tucuuruí. A venda de açaí, no entanto, só iniciou após a

construção do ramal da rodovia Trans-cametá, até a aldeia. Destes itens, a castanha e o açaí continuam sendo elementos importantes na economia Asuriní. Enquanto o açaí é colhido nos açaízais próximos da aldeia, a castanha pode ser coletada tanto próximo como em locais mais distantes, tal como no Igarapé Urubu, onde os Asuriní permanecem acampados por 1-3 semanas. Nestes acampamentos, só vão os homens, pois a coleta da castanha ocorre no período do inverno e as condições de chuva e mosquitos são desagradáveis para as mulheres e crianças. A safra de castanha em 2006 (no início do ano), no entanto, foi muito fraca.

Outro produto da floresta que tem tido uma importância crescente é o bacurí. Anteriormente os Asuriní vendiam só as frutas em Tucuruí, mas atualmente, com o advento da energia elétrica na aldeia, tem sido possível vender a polpa congelada. Porake e sua família têm sido ativos nesta atividade, colhendo e despolpando o bacuri na floresta, e acondicionando a polpa em sacos plásticos. Foi observado em alguns pontos da trilha locais onde um tronco caído é usado como apoio para fazer o corte da casca dos frutos. No início do ano, Porake estava com 134 kg de polpa congelada em Tucuruí, aguardando um comprador. Atualmente, a polpa de bacurí é a polpa mais valorizada no mercado paraense, pois sua produção vem quase que inteiramente da produção extrativista, a qual não consegue suprir a demanda.



Bacurizeiro (*Platonia insignis*)



Fruto do bacuri aberto



O açaí é outro importante produto extrativista. Seus frutos são colhidos para venda em Tucuruí, onde há muitas lojas com máquinas bateadeiras de açaí. Ao lado da escola na aldeia foi construída uma pequena casa com máquina para bater açaí, que serve a comunidade. A safra principal é no início do ano, mas há uma safra menor no mês de agosto, fato interessante, na medida que esta época é considerada como entressafra em outras regiões do Pará. O período de disponibilidade (frutificação) dos diferentes produtos extrativistas se encontra na Tabela 3 –

Calendário Sazonal do Extrativismo, abaixo.

Calendário Sazonal do Extrativismo – Terra Indígena Trocará

| <i>PRODUTO</i> | <i>Jan</i> | <i>Fev</i> | <i>Mar</i> | <i>Abr</i> | <i>Mai</i> | <i>Jun</i> | <i>Jul</i> | <i>Ago</i> | <i>Set</i> | <i>Out</i> | Nov | Dez |
|-----------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| <i>Açaí</i> | | ☆ | | | | | | | | | | |
| <i>Andiroba</i> | | | | | | | | | | | | |
| <i>Bacaba</i> | | | | | | | | | | | | |
| <i>Bacurí</i> | | ☆ | | | | | | | | | | |
| Castanha | | ☆ | | | | | | | | | | |
| Cupuaçu | | | | | | | | | | | | |
| Inajá | | | | | | | | | | | | |
| Mel | | | | | | | | | | | | |
| Piquiá | | | | | | | | | | | | |
| Uxi | | | | | | | | | | | | |

Legenda:

-  Atividade de Coleta
-  Mês de maior disponibilidade

Observação: Poderá haver anos com pouca ou nenhuma safra de castanha.

Numa primeira instância, foi informado que o uso dos recursos extrativistas é comunitário, sendo que qualquer indivíduo pode colher castanha, açaí, etc., não havendo a posse individual ou por grupos destes

recursos. No entanto, indagações mais aprofundadas sobre o assunto indicaram que há uma divisão no acesso a estes recursos, conforme a natureza de cada um deles. Com exceção de algumas castanheiras próximas da aldeia, os castanhais (aglomerações de castanheiras) são considerados de posse de determinados grupos, que montam excursões para juntar os ouriços caídos, abrindo-os com facão para retirar as castanhas, e ensacando para levar de volta à aldeia. Já o açaí, cujos cachos tem um período relativamente curto para a coleta, uma vez que amadurecem, além de ser um produto perecível, pode ser colhido por qualquer pessoa. De forma semelhante, o bacurí, por ser uma fruta de pouca durabilidade, uma vez que cai da árvore, pode também ser coletado por qualquer pessoa. No entanto, observamos que certos caminhos são preferencialmente usados por determinados grupos, portanto pode haver uma divisão territorial mais geral que influencia quem pode coletar o bacurí.



**Utilização dos recursos vegetais: pintura com urucum e confecção de instrumento de sopro (tabocas),
construção da Tekatawa – madeira e palha**

1.3.2.2. Roças e Plantio de Fruitíferas

Apresentamos a seguir um esboço dos aspectos gerais da agricultura Asuriní, e das mudanças que têm ocorrido ao passar das décadas. Essas mudanças são colocadas de uma forma resumida na Tabela Perfil de Mudanças, apresentada na próxima página.

Conforme os relatos dos mais idosos, antes da fixação no Posto da FUNAI na beira do Tocantins, os Asuriní viviam em grupos menores e tinham como costume mudar periodicamente o sítio das suas aldeias, talvez de 5 em 5 anos, provavelmente em função da diminuição da disponibilidade local dos animais de caça, sua principal fonte de proteína. O líder do grupo abria uma roça em um local promissor, e se este local se mostrasse bom para moradia, o acampamento era transformada em aldeia nova.

Após o contato e fixação dos Asuriní no Posto da Funai, às margens do Tocantins, este padrão de distribuição de aldeias e ocupação territorial se alterou. Houve também a influência dos funcionários da Funai sobre as roças, pois buscava-se entrosar os Asuriní na economia de mercado, através da venda de farinha de mandioca, e a introdução de outras culturas, tais como o arroz, plantadas numa grande roça comunitária.

Nas décadas recentes as roças passaram a ser feitas por grupos familiares, reproduzindo, de certa forma, o modelo agrícola anterior ao contato. Existem dados em documentos existentes no PIN Trocará, referente as roças no período de 1991 a 1997, entretanto elas aparentam ser estimativas bastante grosseiras em termos da área de cada roça, portanto não podem ser considerados fiéis para o cálculo da área total cultivada em cada ano. No entanto, servem como indicadores das espécies cultivadas e sua importância relativa na agricultura Asuriní. Os cultivos principais neste período foram: mandioca, macaxeira, cará, batata doce, milho, arroz, jerimum, feijão e banana, sendo também registrado um plantio de melancia.

Conforme informações do atual Chefe de Posto da FUNAI, nem todos se empenhavam igualmente nos trabalhos da roça, o que geravam problemas, na medida que aqueles que não tinham roças ou não contribuíam com mão-de-obra procuravam se utilizar da produção dos outros. Estes problemas levaram a um desestímulo para com a produção agrícola, e pelo menos uma parte da comunidade passou a se alimentar com farinha comprada com recursos das aposentadorias. Um evento que aparentemente exacerbou essa situação foi a construção das casas de alvenaria da aldeia, processo que contou com a participação dos Asuriní, em troca de diárias. Foi relatado que aqueles que participaram com afinco desta atividade deixaram de colocar roças. Para contrapor esta situação, nos últimos anos os Asuriní têm sido estimulados a implantar uma roça comunitária cada ano.

A roça comunitária de 2005/2006, de aproximadamente 8 ha, fica a uma distância necessária para ultrapassar a zona de capoeiras e roças velhas e chegar até uma floresta alta. A cultura principal é a mandioca, consorciada com milho (em aproximadamente 2/3 da área, e aproveitado em grande parte como milho verde) e numa parte menor, com arroz. Há também bastante jerimum espalhado.

Quando visitamos essa roça em março, havia bastante ervas daninhas, mas, conforme informação do Henonewara, a limpeza da roça seria feita pela comunidade.

No geral, porém, há o esgotamento de locais adequados (vegetação de bom porte) para fazer roças nos arredores da aldeia. Além da roça comunitária, vários grupos familiares fazem roças menores, utilizando a área de capoeiras no entorno da aldeia. Por exemplo, uma das roças do Tohotohona se localizava no que era uma capoeira de 8 anos, regenerada após o abandono de uma roça da comunidade. Porém, uma das reclamações da comunidade é que a distância até as roças tem ficado muito grande, dificultando o transporte dos produtos até a aldeia. Talvez uma solução parcial tenha sido a construção de barracos, nas proximidades das roças, para fazer farinha, fato observado nas roças do Tohotohona e Nissanixá. A implantação da aldeia nova Ororitawa tem também oferecido uma resposta a este problema, pois as roças podem ser implantadas em floresta virgem ao lado da aldeia. A roça comunitária deste ano (2006) está sendo implantada na aldeia nova. Apesar da existência de animais de carga (jumentos) na aldeia, só foi observada a família dos Tembê utilizando-os para carregar mandioca da roça.

A zona de capoeiras se estende ao longo da estrada de acesso à aldeia, onde há também vários caminhos laterais usados para retirar lenha (das roças velhas), coletar açaí, e que dão acesso ao rio Trocará. Os membros do núcleo Tembê explicaram que participaram da roça comunitária, mas colocaram também uma roça mais próxima da casa deles.



Colheita de milho verde na roça da comunidade



Casa de farinha do Nixanixá e Tohotohona; igarapé próximo onde as raízes de mandioca são colocadas para pubar.

Nas proximidades da aldeia Trocará, foram vistos somente dois plantios de banana, um sendo do grupo do Porake, ao lado do caminho de caça deste, implantado a partir de um consórcio com milho e arroz. O outro fica no local denominado “Maçaranduba”, na beira do Trocará, onde há uma casa do Asuriní Muru. Já na aldeia nova Ororitawa, há bastante bananeiras plantadas próximo das casas.

Ao lado do bananal do Porake, havia uma capoeira fina com bastante cará, que Porake nos informou ter sido plantado pelo método do “abafado”, sendo uma adaptação da técnica do “feijão abafado”, que aprenderam com os regionais. É interessante notar que o plantio de cará feito na aldeia nova Ororitawa teve pouco resultado, pelo fato do solo daquele local ser uma argila pesada, que dificulta o desenvolvimento dos tubérculos.



Explicações sobre a técnica do plantio de cará “abafado” em área de capoeira

Enquanto no passado a mudança periódica das aldeias permitia a instalação das roças em terrenos virgens, a ocupação permanente do atual sítio (desde 1980) resultou numa grande zona de florestas secundárias (capoeiras) no entorno da aldeia. A comercialização de produtos agrícolas, na medida que implica em roças maiores, também tem contribuindo para esta situação. Estas capoeiras podem ser reutilizadas, sendo que o prazo para a recuperação parcial da fertilidade pelo pousio é variável, conforme as características do solo e das práticas de cultivo que foram empregadas na roça. Mesmo assim, termina ocorrendo o esgotamento de locais adequados para colocar roças nas proximidades da aldeia, obrigando o deslocamento das roças para locais mais distantes. Uma observação feita pelos Asuriní é que “quando a capoeira é fraca [nova], nasce muito capim”. Constata-se, então, que além do esgotamento da fertilidade do solo, que resulta numa safra menor, a implantação de roças em capoeiras de pouca idade também implica numa maior incidência de plantas invasoras, a maioria das quais brotam do banco de sementes do solo. Tal fato indica que possivelmente haveria interesse de desenvolver formas de estender o tempo de utilização das áreas derrubadas, ou melhor utilizar as capoeiras, a partir de práticas de adubação verde e sistemas agroflorestais.

Semelhanças e diferenças sociolinguísticas marcantes entre os locais de ocorrência da língua

Não há.

Síntese das situações de riscos para a língua e para a comunidade linguística

Casamentos com não índios, proximidade da cidade, entrada intermitente de não indígenas na Terra Indígena, presença de uma escola desreipetosa.

2.3. Anexar / Fazer Upload de dados do acervo digital sobre as localidades

Utilize este item para anexar / fazer o upload de arquivos que caracterizem os locais de ocorrência da língua: fotos, vídeos, mapas de cada localidade, croquis, etc. Para cada upload, é necessário o informe do nome da localidade, utilizando o mesmo padrão de apresentação dos locais no item 7.1 do Módulo de Identificação da Pesquisa.

| Nome do local | Link |
|---------------|------|
| Não se aplica | |

2.4 Mapa(s) sobre a distribuição geográfica da língua

Apresente um ou mais mapas (esboço, croqui, etc) que represente(m) a distribuição geográfica da língua.

Upload de arquivo(s) / Anexar ao formulário

3.3 Módulo da Comunidade Linguística

Nota: este módulo é específico para uma comunidade linguística associada a uma língua inventariada.

1. Identificação da comunidade linguística

A comunidade linguística se autoidentifica como:

Marque com um X a classificação adequada para comunidade linguística. Em caso de comunidade indígena, identificar a(s) etnia(s) correspondente(s) e para o caso de comunidade de imigração, identificar o país ou região de origem do grupo.

| | |
|--|-------------------------------------|
| <input checked="" type="checkbox"/> Indígena | → Identificar a(s) etnia(s) |
| <input type="checkbox"/> De imigração | → Identificar país/região de origem |
| <input type="checkbox"/> Afrobrasileira | |
| <input type="checkbox"/> Outra | |

2. População da comunidade linguística

2.1. População identificada na pesquisa (comunidade de referência)

Informe, em números absolutos, a população de indivíduos da comunidade de referência identificada pela pesquisa

| |
|----------------|
| 500 habitantes |
|----------------|

2.2. Estimativa da população total

Informe, em números absolutos, a(s) estimativa(s) do total de indivíduos da comunidade linguística (da própria pesquisa e/ou outras pesquisas disponíveis).

| |
|-----------------------|
| 530 habitantes |
|-----------------------|

3. Caracterização da comunidade linguística

Para cada um dos subitens, produza um texto dissertativo que caracterize a comunidade linguística, com base nas questões propostas.

3.1. Histórico

Caracterize em um breve texto o contexto histórico da comunidade linguística, ressaltando os seguintes aspectos: **deslocamento geográfico** dos falantes (seu território atual e passado); eventos históricos que levaram os falantes a terem **contato com outras línguas** e eventos que vieram a afetar a língua de referência, além de outros aspectos e situações considerados pertinentes para este campo.

Desde a época do contato, na década de 50, os Asuriní vêm sofrendo muitas perdas, tanto materiais quanto culturais. Primeiramente por terem sido colocados em uma terra muito pequena, o que os impediu de crescerem como grupo mantendo suas atividades de subsistência como antigamente, como a atividade da caça, sendo a Terra Indígena atualmente uma ilha de floresta envolvida por áreas de pastagens.

Logo em seguida ao contato, viveram sob a interferência de missionários que pretendiam alcançar-lhe as almas. Foram quase 10 anos de interferência proselitista com repressões aos rituais culturais Asuriní e o início da drástica mudança de língua.

Com a implantação da hidrelétrica de Tucuruí e a formação do lago em 1984, grandes impactos ocorreram em toda a região. Alguns estão relacionados à implantação física do empreendimento e outros induzidos pela sua presença cada vez mais intensa do branco na cidade de Tucuruí e na área do entorno.

O contato com a sociedade envolvente levou os Asuriní a terem acesso a espingardas, lanternas, veículos, além de técnicas diferentes. A mata do entorno da aldeia Trocará vem se transformando com impacto direto na paisagem que tem afetado também a fauna, mudando a sua composição local e diminuindo suas densidades naturais.

Os Asuriní foram obrigados, desde o contato a aprenderem o português para interagirem com os brancos, já que estes, salvo alguns casos particulares, não aprenderam a língua indígena e, pelo que é relatado pelos índios, dos antigos agentes do SPI e dos agentes da FUNAI, com exceção de Sotero, chefe de posto na década de 70, nenhum falou a língua dos Asuriní.

Com a fixação de parte dos índios em torno de um posto, aumenta a exposição destes ao português e diminuem as possibilidades e situações de praticarem a língua nativa e o modo de vida tradicional. Nos anos 60, com a chegada de vários missionários do SIL no posto indígena do Trocará, aumenta a exposição dos Asuriní ao português e a uma outra língua, o inglês, falado entre os missionários. Esses missionários, até aprenderem a língua nativa, mas devem ter realizado sessões de coleta de dados lingüísticos por meio do português e devem ter contribuído para a frequência e intensidade do uso dessa língua na aldeia.

Na década de setenta aumenta a exposição dos Asuriní ao português, quando o contato destes com não-índios recém chegados à região, em decorrência da construção da Hidroelétrica de Tucuruí, se intensifica. Em seguida, com a construção da Trans-Cametá e o ramal ligando esta estrada ao posto indígena do Trocará, desenvolve-se contato intenso entre os Asuriní e não-índios, não só pelo novo acesso à cidade de

Tucuruí, viabilizado pela estrada, mas também pela presença constante de não-índios na terra indígena, e nas cercanias desta, entre estes vários invasores. As transformações ocorridas na região em decorrência da construção da Hidroelétrica trouxeram direta e indiretamente vários prejuízos aos Asuriní, sobretudo no que diz respeito à intensificação agressiva do contato dos não-índios com eles.

No final da década de 90 a vitalidade da língua Asuriní já se encontrava seriamente abalada, o que podia ser comprovado pelo fato de os nascidos entre o final da década de 70 e início da década seguinte não falarem a língua nativa como primeira língua, interrompendo, dessa forma, a transmissão da língua Asuriní para as gerações seguintes.

Agregue-se a todos esses fatores que contribuíram para o enfraquecimento do uso da língua e de várias práticas culturais tradicionais Asuriní a chegada de energia elétrica à aldeia, que acarretou a aquisição por parte dos Asuriní de televisores, sistemas de som e de DVDs, aumentando ainda mais a exposição da comunidade como um todo à língua portuguesa e à cultura dos brancos.

3.2. Presente

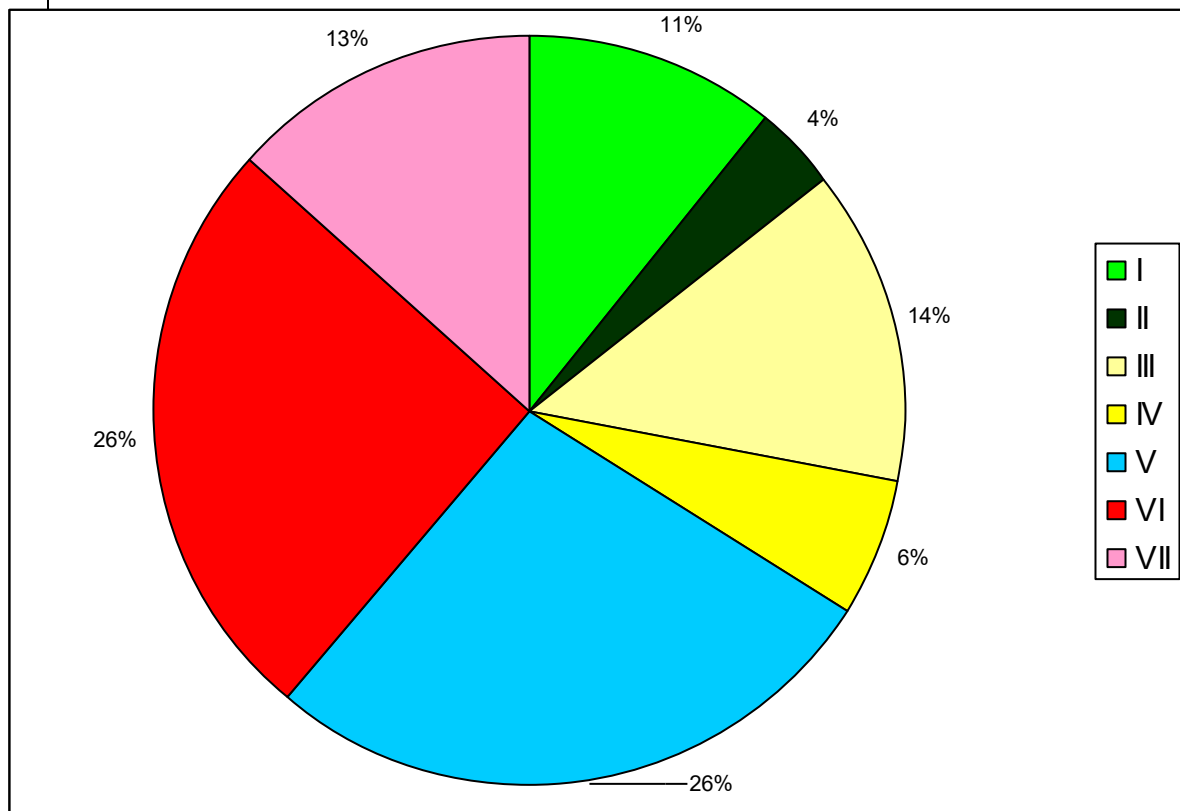
Caracterize em um breve texto a comunidade linguística atualmente, procurando responder às seguintes questões: quem são os falantes da língua de referência? O que os caracteriza em termos sociais e culturais? Como se dá sua relação com grupos sociais vizinhos e com a sociedade brasileira e de países vizinhos como um todo? Há grupos diferenciados dentro da comunidade?

Um balanço da situação atual da língua Asuriní, fundamentado em uma pesquisa sociolinguística que procurou identificar o grau de proficiência da língua nativa de cada membro da comunidade Asuriní, revela que, de uma população de 500 pessoas, apenas 15% falam a língua nativa com proficiência, sendo que destes apenas 11% a falam como primeira língua e apenas 5 crianças com menos de sete anos têm proficiência plena na língua nativa. No quadro seguinte, em que é quantificada parte dos resultados da pesquisa, cada cor corresponde a um grau de proficiência na língua nativa, codificados por meio de algarismos romanos de I-VII. A correspondência desses numerais com o grau de proficiência e o significado deste é a seguinte:

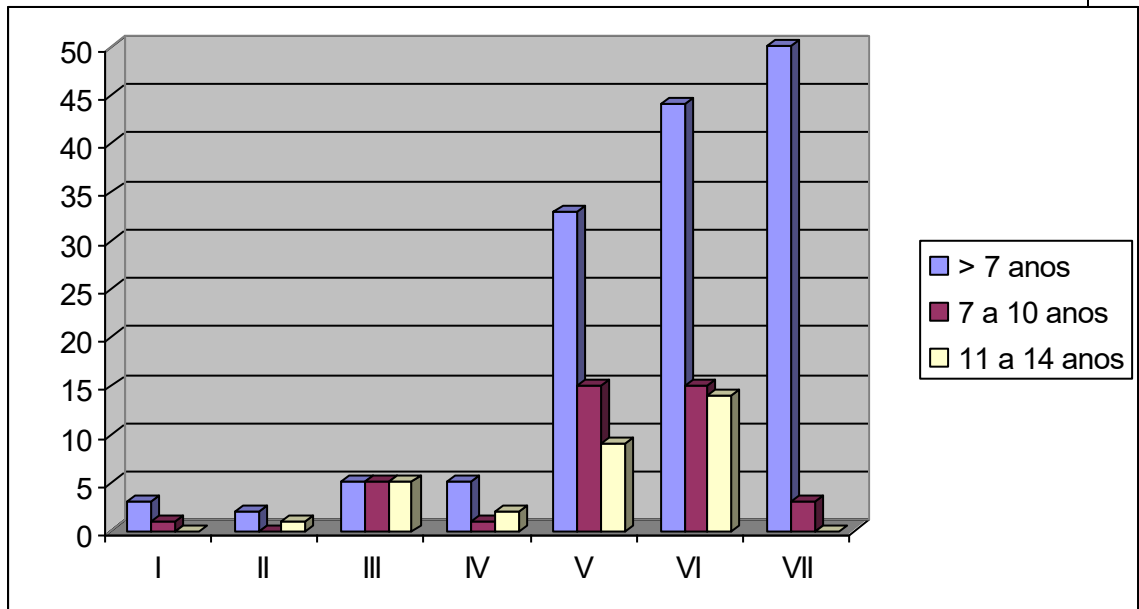
- I – Falante pleno – (comunicação principalmente na língua nativa, com conhecimento e uso pleno da gramática Assuriní, na sua variante mais conservadora, com conhecimento lexical nos vários campos semânticos);
- II – Falante pleno – (uso restrito da língua nativa a situações que envolvem a

participação de falantes plenos, mas alterna padrões gramaticais conservadores com padrões não-conservadores, e possui conhecimento lexical razoável em vários campos semânticos);

- III – Semi-falantes (uso esporádico de variedade menos conservadora, com conhecimento lexical restrito)
- IV – Semi-falantes fracos (uso esporádico de variedade menos conservadora, caracterizado pela presença intensa de calques do português e de empréstimos deste, com conhecimento lexical deficiente;
- V – Conhecedores passivos (só entendem a língua nativa, mas nunca a falam);
- VI – Pessoas sem conhecimento da língua nativa;
- VII – Bebês.



Uma associação do nível de proficiência em L1 com classes de idade mostra que a grande maioria dos Asuriní em idade escolar distribui-se nas categorias de conhecedores passivos e não conhecedores da língua nativa. Uma percentagem mínima associa-se às categorias de falantes plenos, falantes de variedade menos conservadora e semi-falantes, como ilustrado no quadro seguinte:



Os falantes plenos da língua Asuriní representam as famílias mais tradicionais. São as famílias das cinco lideranças, sendo que só três delas transmite a língua parcialmente para os mais jovens. Essas lideranças têm pouco contato com os regionais, exceto durante a compra e venda de mercadorias.

3.4 Módulo de Identificação e Caracterização da Língua de Referência

Nota: este módulo é referente a uma língua para qual se está solicitando o reconhecimento

1. Denominações

Em cada um dos quadros, inclua as denominações correspondentes para a língua e observações dessas nomeações (caso haja). É interessante que os inventários utilizem-se dos quadros de observações para fazer análises mais detalhadas sobre essas nomeações, discutindo possíveis traduções para os termos, explicando etimologias,

identificando termos pejorativos, etc. Compreendem-se por autodenominações aquelas em que a comunidade linguística usualmente utiliza para se referir à língua de referência e/ou ao grupo social. Em heterônimos estão contemplados nomes dados por pessoas de fora da comunidade: outros grupos, nomeação acadêmica, etc. As denominações de ampla circulação (i.e. os termos mais comuns usados na sociedade para se referir à língua ou ao grupo social de falantes) e para o reconhecimento (a ser definida em conjunto com a comunidade) podem coincidir, obviamente, desde que assim deliberado pela comunidade linguística e pelas equipes executoras dos inventários. Em geral, ambas também serão encontradas entre os termos de autodenominação ou heterônimos⁵.

| | |
|--|--|
| Autodenominações | |
| Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, etc.</i> | |

| | |
|--|--|
| Heterônimos | |
| Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, etc.</i> | |

| | |
|--|--|
| Denominação/denominações de ampla circulação (nome(s) pelo(s) qual/quais a língua é mais conhecida) Poderá repetir denominações dos campos anteriores | |
| Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, etc.</i> | |

| | |
|--|---|
| Denominação a ser usada para a titulação Poderá repetir denominações dos campos anteriores. | Awá eté Asorinía na língua nativa e Asuriní na língua Portuguesa |
|--|---|

⁵ Veja o capítulo 4 para mais orientações sobre essa temática.

| | |
|--|---|
| | Autodenominam-se em certas situações Awa até 'gente verdadeira' |
| Justificativa | Embora o termo Asuriní não seja um etnônimo originalmente, é por esse nome que eles se reconhecem hoje. |
| Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, etc.</i> | Nenhum dos termos acima é pejorativo. É dito que o termo Asuriní foi informado aos não índios que acionaram o contato com os Asuriní pelos índios Jurúna, mas muito provavelmente se tratava dos Asuriní do Xingu. Na época do contato dos Asuriní do Trocará, os agentes do SPI julgaram que se tratava do grupo chamado Asuriní pelos Jurúna. |

2. Natureza Semiótica da língua

Marque com um X a opção adequada. As duas categorias para a classificação das línguas enquanto tipos semióticos são Línguas Orais – para as línguas cuja transmissão se dá primariamente a partir da oralidade (i.e. pela comunicação verbal), e Línguas de Sinais – cuja transmissão se dá primariamente a partir de usos de sinais manuais.

| |
|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Língua Oral |
| <input type="checkbox"/> Língua de Sinais |

3. Historicidade

3.1. A língua é falada no território nacional há pelo menos três gerações?

Marque com um X a opção adequada. Caso a resposta seja não, explique o histórico da presença da língua em território nacional

| |
|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> sim |
|---|

| |
|------------------------------|
| <input type="checkbox"/> não |
| Observações: |

3.2. Indique os marcos temporais que caracterizam a história da comunidade linguística

Os marcos temporais podem ser provenientes da história oral do grupo e/ou de documentação histórica. É importante que os inventários sejam explícitos sobre a fonte e natureza desses marcos.

| |
|--|
| <p>A história da comunidade linguística enquanto Asuriní, formada pelas famílias atuais data de aproximadamente 150 a 200 anos. Antes disso, muito provavelmente formavam com os Parakanã um povo só. E antes, muito provavelmente formavam com os Tapirapé, os Tembé e os Guajajara um povo só. Com isso queremos dizer que os Asuriní são na realidade representativos do modelo de diversificação interna da família Tupí-Guaraní, que tem aproximadamente 2000 anos, mas que, por sua vez, vem do Proto-Tupí, cuja idade foi calculada por Aryon Dall'Igna Rodrigues como possuindo aproximadamente 5000 anos.</p> |
|--|

4. Classificações da língua

Marque com X a opção adequada e preencha com as informações requeridas. As línguas deverão ser classificadas em: Afrobrasileira, Crioula (nesses dois casos indicar também as línguas que lhes deram origem), Língua isolada (quando não há línguas aparentadas vivas ou documentadas historicamente) ou ainda através de seu Tronco (se houver) e Família Linguística (é o caso da maior parte das línguas indígenas brasileiras assim como das línguas de imigração). As categorias elencadas neste item procuram abranger o universo dos grupos sociais falantes das línguas minoritárias no Brasil⁶.

| | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Língua Afrobrasileira | |
| <input type="checkbox"/> Crioula | |
| Indicar as línguas que lhe deram origem: | |

⁶ Veja o volume II do Guia para algumas orientações sobre esta temática.

| |
|---|
| <input type="checkbox"/> Língua isolada |
|---|

| | |
|--|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Tronco (se houver) | Tupí |
| <input checked="" type="checkbox"/> Família Linguística | Tupí-Guaraní |
| Observação/caracterização adicional: <i>Listar as línguas geneticamente mais próximas</i> | Parakanã, Tapirapé, Suruí, Tembé e Guajajara |
| Observações gerais: | Essas línguas juntas formam o subgrupo VIII da família Tupí-Guaraní |

5. Língua e variedades

O que são línguas e o que são variedades deverão ser discutidas e estabelecidas junto às comunidades linguísticas – especialmente devido ao caráter simbólico-político do reconhecimento patrimonial das línguas⁷.

5.1. Relação com outras línguas

O formulário aborda a questão de línguas e variedades por duas perspectivas. Nesta primeira seção, olhamos para o que as equipes possam considerar línguas distintas da língua de referência sendo inventariada. O objetivo é poder diagnosticar se o que é tratado simbolicamente como línguas distintas, poderia ser considerado línguas muito próximas ou mesmo variedades de uma mesma língua. As perguntas são com relação à inteligibilidade mútua, atitudes dos falantes e se há propostas de linguistas que tratam essas línguas como variedades de uma mesma língua.

- a) Há outras línguas que são mutuamente inteligíveis com a língua de referência?

⁷ Língua e variedade são tratadas no capítulo 4 do volume I, bem como no volume II.

não

sim. Quais? ____ (responda às questões nos quadros abaixo)

depende (*explique*): ____ (responda às questões nos quadros abaixo)

b) Como os falantes percebem as diferenças e semelhanças entre essas línguas?

Os Asuriní entendem os Parakanã, como nós entendemos o Espanhol e, dependendo do falante Asuriní pode até entender 99%. Eles podem se comunicar entre si, como podem também se comunicar com os Tembé e com os Suruí. São todas línguas irmãs do mesmo subgrupo, mas os Asuriní se reconhecem como falante do Asuriní e não como falantes do Parakanã, ou do Tembé, ou de outra língua.

c) Há propostas que tratam a língua de referência como variedade de uma outra língua?

não

sim. *explique*: Há propostas, mas especulativas. Não há uma proposta fundada em exame comparativo de línguas vivas, por meio de textos discursivos, por exemplo e com base na observação cotidiana de uso das línguas e suas respectivas culturas.

5.2 Variedades Internas

Nesta sub-seção, olhamos para as variedades internas da língua de referência. O tópico são variedades reconhecidas pelos falantes. Importa em primeiro lugar, identificar a existência e sendo afirmativa a resposta, nomear essas variedades (por denominações em uso corrente, ou criadas pelos inventários), indicar a(s) localidade(s) onde ela é falada, e qual o segmento social associado a essa variedade. Num segundo momento, perguntamos sobre a atitude dos falantes sobre as diferenças entre as variedades, se há variedades não mutuamente inteligíveis e as principais variações lexicais, gramaticais, fonológicas, etc., que diferenciam as variedades.

5.2.1. Identificação de variedades internas

a) A língua possui variedades internas explicitamente reconhecidas pelos falantes?

não

[X] sim (responder quadro abaixo)

| Nome ou outra forma de identificação das variedades | Localidades onde são faladas | Segmento social a qual pertencem as variedades |
|---|--|--|
| | As diferenças são de pronúncia entre os mais velhos. O grupo que veio por último do Pacajá, na década de 1960 fala com sibilantes mais palatalizadas que o grupo que chegou primeiro na região em que atualmente se encontram. | <i>e.g. geração dos velhos vs. dos jovens; mulheres vs. homens; pajés vs. não pajés; grupo étnico X vs. grupo étnico Y; etc.</i> |

5.2.2. Caracterização das variedades internas

| | |
|---|--|
| Como os falantes percebem as diferenças entre as variedades? | |
| Entre as variedades listadas, há problemas de inteligibilidade mútua? | <input type="checkbox"/> sim <input checked="" type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> depende (<i>explique</i>): |
| Apontar as principais variações lexicais, gramaticais, fonológicas, etc., que | O Grupo do Pacajá pronuncia uma fricativa alveo-palatal surda ou uma africada alveo- |

| | |
|---------------------------|--|
| diferenciam as variedades | palatal surda, enquanto o outro grupo pronuncia mais um som fricativo alveolar ou um som fricativo alveo-palatal surdo. Há diferenças diageracionais com respeito à pronuncia do fonema /o/ que é pronunciado ora <i>o</i> ora <i>u</i> . |
|---------------------------|--|

[Links para arquivos com dados de pesquisa sobre língua e variedades](#) (Anexado)

6. Situação de Escrita na língua

6.1. Identificar a língua com relação à existência de grafias

Aqui, os inventários devem identificar se língua está atualmente sem escrita, se possui uma escrita ou se possui múltiplas formas de escrita (e quantas).

| |
|--|
| <input type="checkbox"/> sem escrita (ágrafa) <input type="checkbox"/> com <i>uma</i> escrita <input type="checkbox"/> com múltiplas formas de escrita. Quantas? ___ |
|--|

6.2. Caracterizar as grafias existentes

Deve-se produzir um diagnóstico sumário em um breve texto analítico sobre as grafias da língua (no caso de possuir uma ou mais), identificando se estão sendo usadas pela comunidade (especificando quais grupos as usam e em que contextos comunicativos utilizam-se da escrita), identificar a origem das grafias, i.e. quem as elaborou, quando, para que propósito, e por fim contrastar as diferentes grafias existentes para uma única língua⁸.

⁸ Ver volume II para algumas técnicas para se realizar um diagnóstico e documentação sobre as grafias existentes.

- a. Identificar se está/estão sendo usada(s) pela comunidade
 - Quem/Quais grupos as usa?
 - Em que contextos sociais?
- b. Identificar a origem das grafias (quem elaborou, quando, para que propósito)
- c. Contrastar as diferentes grafias

A grafia foi elaborada por missionários do Sil e é usada até hoje. a língua Asuriní não é uma língua de fonologia que represente problemas para a escrita.

7. Situação político-jurídica

Nos itens apresentados a seguir, identifique a situação das línguas com relação a leis de oficialização e/ou patrimonialização existentes. Identificar línguas que tenham passado, estejam passando ou que ainda não foram objeto de leis de patrimonialização ou oficialização é uma importante ferramenta para se conhecer a diversidade desses instrumentos no território nacional e acompanhar as ações decorrentes desses processos, bem como sua efetividade.

7.1. Oficialização

Identifique, caso exista, o estatuto da língua com relação a leis de oficialização, utilizando-se das categorias propostas e indicando municípios e/ou estados dessas ações no primeiro quadro. No segundo, caracterize as leis existentes, identificando-as através de uma breve descrição e de seu número, data e local de publicação, além do hyperlink (caso esteja disponível na internet). Com relação a leis de oficialização, propomos a identificação das línguas nas seguintes categorias: a) **Língua Oficial**: para as línguas que já possuem leis de oficialização a nível estadual, municipal e nacional; b) **Língua em processo de oficialização**: para as línguas em que já existe um projeto de lei para sua oficialização ou para as quais existe uma forte movimento popular a favor de sua oficialização a curto prazo; c) **Língua não-oficial**: para as línguas sem leis ou projeto de leis de oficialização e para as quais não há condições sociais e políticas favoráveis a sua oficialização a curto prazo.

| | UF | Municípios |
|--|----|------------|
| <input type="checkbox"/> Língua Oficial | | |
| <input type="checkbox"/> Língua em processo de oficialização | | |
| <input checked="" type="checkbox"/> Língua não-oficial | | |

| | |
|--|---|
| Identificação das leis (breve descrição) | Nº do processo/publicação/hyperlink (se houver) |
| | |

7.2 Patrimonialização

Identifique, caso exista, o estatuto da língua com relação a leis de patrimonialização, utilizando-se das categorias propostas e indicando municípios e/ou estados dessas ações no primeiro quadro. No segundo, caracterize as leis existentes, identificando-as através de uma breve descrição e de seu número, data e local de publicação, além do hyperlink (caso esteja disponível na internet). Com relação a leis de Patrimonialização, propomos as seguintes categorias: a) **Língua reconhecida como patrimônio**: para as línguas que foram reconhecidas por instituições públicas relativas ao patrimônio cultural, seja no nível municipal, estadual ou nacional; b) **Língua em processo de reconhecimento patrimonial**: para as línguas que já possuem projetos de reconhecimento patrimonial; c) **Língua sem reconhecimento patrimonial**: línguas sem projetos ou leis de reconhecimento patrimonial.

| | UF | Municípios |
|---|----|------------|
| <input type="checkbox"/> Língua reconhecida como patrimônio | | |
| <input type="checkbox"/> Língua em processo de reconhecimento patrimonial | | |
| <input checked="" type="checkbox"/> Língua sem reconhecimento patrimonial | | |

| | |
|--|---|
| Identificação das leis (breve descrição) | Nº do processo/publicação/hyperlink (se houver) |
| | |

7.3. Caracterização das leis e estado atual de regulamentação

Caracterizar as leis de oficialização e patrimonialização, discutindo sua abrangência e estado atual de implementação. Indicar também seu estado atual de regulamentação (caso tenham sido), referindo o número dos processos e publicações, com breves descritivos e hyperlinks dos mesmos (se houver).

| |
|--|
| |
|--|

7.4. Fac-símiles dos documentos

Anexar ao formulário / Fazer upload de documentos completos de co-oficialização e patrimonialização

8. Recursos Documentais

Os recursos documentais estão divididos entre recursos *na* língua (i.e. quando a língua de referência é o principal código linguístico utilizado) e recursos *sobre* a língua (i.e. quando a língua de referência e a comunidade linguística são o tópico do documento feito em outra língua). Assim, os principais tipos de documentos listados *na* e *sobre* a língua são: produção bibliográfica (i.e. livros, panfletos, etc., incluindo materiais didáticos), produção áudio visual (e.g. documentários, filmes), produção musical (e.g. canções) e produções na internet – que deve incluir todos os documentos listados anteriormente e que estejam numa plataforma WEB, além de produtos únicos na internet, como blogs, websites, páginas em redes sociais, vídeos, etc.).

8.1. Produções documentais

Identifique e liste as principais produções documentais **na** e **sobre** a língua, incluindo, com a referência bibliográfica completa.

a) Produção bibliográfica na língua (incluindo materiais didáticos)

CABRAL, A. S. A. C. (Org.) . Sené Se'énga 2. 1. ed. Brasília: Laboratório de Línguas Indígenas, 2013. 72p .

Morosopía, A. (Org.) ; RODRIGUES, A. D. (Org.) ; CABRAL, A. S. A. C. (Org.) . Livro de Relatos Asuriní 2. Belo Horizonte: FALE/UFMG e SEDAC/MEC, 2008. v. 1. 33p .

CABRAL, A. S. A. C. ; RODRIGUES, Aryon Dall'igna . Dicionário Asuriní do Tocantins - Português. 1. ed. Belém, PA: UFPA/IFNOPAP e UnB/IL/LALI, 2003. v. 1. 267p .

CABRAL, A. S. A. C. (Org.) ; RODRIGUES, Aryon Dall'igna (Org.) . Livro de relatos Asuriní. 1. ed. Belém, PA: UFPA/IFNOPAP e UnB/IL/LALI, 2003. v. 1. 64p .

-NICHOLSON, Velda - "Breve Estudo da Língua Asuriní do Xingú", SIL, 1982 –dispõe de itens comparativos entre as línguas Asuriní do Xingú e do Trocará, disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/PUBLICNS/LING/AXBreve.pdf>

-NICHOLSON, Velda. Textos Asuriní - 25 histórias, 7 mitos. –SIL- Summer Institute of Linguistics, 1976, Brasília

b) Produção bibliográfica sobre a língua (incluindo materiais didáticos)

CABRAL, A. S. A. C. ; RODRIGUES, Aryon Dall'igna . Dicionário Asuriní do Tocantins - Português. 1. ed. Belém, PA: UFPA/IFNOPAP e UnB/IL/LALI, 2003. v. 1. 267p .

CABRAL, A. S. A. C. (Org.) ; RODRIGUES, Aryon Dall'igna (Org.) . Livro de relatos Asuriní. 1. ed. Belém, PA: UFPA/IFNOPAP e UnB/IL/LALI, 2003. v. 1. 64p .

c) Produção em áudio e vídeo na língua

Um único vídeo na língua foi até o presente editado. Mas o Laboratório de Línguas Indígenas da UnB possui um acervo significativo de vídeos na língua a serem editados.

d) Produção em áudio e vídeo sobre língua

Há um número grande de filmes no Laboratório de Línguas Indígenas, mas que precisam ser editados para uso pelos Asuriní e pela Sociedade em geral.

e) Produção musical na língua

-VÍDEOS NA WEB /Asuriní do Tocantins : Edição: Cornélio Vieira de Oliveira, "De Volta à Mata":

<http://www.youtube.com/watch?v=yDX5WqP26Oo&feature=channel>

"Asuriní do Tocantins" ,

<http://www.youtube.com/watch?v=3eqwbEqAhc>

<http://www.youtube.com/watch?v=3eqwbEqAhc>

"Taquáras Asuriní":

<http://www.youtube.com/watch?v=HewjpyQ3XVw&feature=related>

- MUSIQUE Instrumentale des Asurini de Trocará (2004): « World of Tradicional Music » :

<http://www.artistdirect.com/nad/window/media/page/o.,2866273-5794157,00.html>

CD de Músicas Asuriní. LALLI-UnB.2010

| |
|--|
| |
|--|

f) Produção na língua na internet

| |
|---------|
| Não há. |
|---------|

g) Produção sobre a língua na internet

| |
|--|
| <p>Expressão do caso argumentativo em três línguas Tupí-Guaraní (Cabral, Silva & Sousa 2013) http://www.ileel2.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1900.pdf</p> <p>COSIDERATIOS O THE COCEPTS OF LAGUAGE AD DIALECT: A LOOK O THE CASE OF ASURIÍ OF TOCATIS AD PARAKAÃ Aryon Dall (Rodrigues & Cabral 2009) http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/artigo%3Arodriques-cabral-2009/rodriques_cabral_2009_consideracoes.pdf</p> <p>-NICHOLSON, Velda - “Breve Estudo da Língua Asuriní do Xingú”, SIL, 1982 – dispõe de itens comparativos entre as línguas Asuriní do Xingú e do Trocará, disponível em: http://www.sil.org/americas/brasil/PUBLICNS/LING/AXBreve.pdf</p> <p>-NICHOLSON, Velda. Textos Asuriní - 25 histórias, 7 mitos. –SIL- Summer Institute of Linguistics, 1976, Brasília</p> <p>Harrison, C., 1975. <i>Gramática Asuriní</i>. Brasília: Summer Institute of Linguistics.</p> <p>Nicholson, V., 1976a. Textos Asuriní: 25 histórias, 7 mitos. <i>Arquivo Lingüístico</i> 15. Brasília: Summer Institute of Linguistics.</p> |
|--|

8.2. Principais referências documentais

Selecionar e comentar as principais referências documentais **na** e **sobre** a língua

| | |
|-------------|-------------|
| Referências | Comentários |
|-------------|-------------|

-ANDRADE, Lúcia M. – “O corpo e o Cosmos. Relação de Gênero e o Sobrenatural entre os Asuriní do Tocantins”- (Dissertação de Mestrado) - Universidade de São Paulo, Antropologia, São Paulo, 1992, ref.::

www.usp.br/nupaub/acervo1.html

-ANDRADE, Lúcia M. M.- “Relatório de pesquisa de campo entre os Asuriní, situados no PI Trocará”- Depto. de Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, 21 pgs, São Paulo, 1982.

--ANDRADE, Lúcia M. M – “Xamanismo e Cosmologia Asuriní: algumas considerações iniciais”- 1984/85 – Revista de Antropologia – 27-10; 115-125; citado por BUCHILLET, D., em “Bibliografia Crítica da Saúde Indígena no Brasil-1844/2006” – IRD/França, Ediciones Abya Yala, 2007, Quito: “RefDoc.Fr”:

[http://cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsidt=\[telefone anonimizado\]](http://cat.inist.fr/?aModele=afficheN&cpsidt=[telefone anonimizado])

-ANDRADE, Lúcia M. M. - “Asuriní do PI Trocará. Recomendações para aplicação da verba do convênio CVRD/FUNAI”- Relatório de Viagem realizada em janeiro/fevereiro de 1985, 42 pgs.

-ANDRADE, Lúcia M.M- [POVOS INDÍGENAS NO BRASIL – PIB/Instituto Socioambiental Online: Asurini do Tocantins](#) –1999
<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/asurini-do-tocantins>

São trabalhos de cunho antropológico que reúnem conhecimentos fundamentais sobre o povo Asuriní do trocará, cultura e organização social.

O verbete dos Asuriní do Tocantins, de autoria da antropóloga L. Andrade (Comissão Pró-Índio-SP), é dividido nos seguintes itens: [Introdução](#), [Nome](#), [Língua](#), [Localização](#), [População](#), [Histórico do contato](#), [Caça, pesca e coleta](#), [A aldeia](#), [Ciclo de vida](#), [Sistema ideológico](#), [Nota sobre as fontes](#), [Fontes de informação](#), [Imprimir Verbetes](#), [Imagens deste povo](#) e Notícias(ver Notícias em ISA). Versão para impressão do verbete “Asurini do Tocantins”:<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/asurini-do-tocantins/print>

-ARNAUD, Expedito – “Breve informação sobre os índios asuriní e parakanan; Rio Tocantins, Pará.”- Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, n.s., Antropologia, 11:1-22, Belém, 1961 –ficha catalográfica na “Open Library” em : http://openlibrary.org/works/OL4567438W/Breve_informação_sobre_os_índios_asuriní_e_parakanan_Rio_Tocantins_Pará

-ARNAUD, Expedito – “Mudanças entre Grupos Indígenas Tupí da Região do Tocantins - Xingu -Bacia Amazônica”- Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Antropologia, 84, MCT/CNPQ, Belém, 1983 ; também em “*O Índio e a expansão nacional*”: 315-364: Cejup, Belém, 1989

-ARNAUD, Expedito – “ A terminologia de parentesco dos índios asuriní.” *Revista do Museu Paulista* nº 1, p.p.105-119, São Paulo, 1963

-ARNAUD, Expedito – “Grupos Tupí do Tocantins”. In: *SIMPÓSIO SOBRE*

| | |
|--|--|
| <p><i>A BIOTA AMAZÔNICA</i>, Belém, 1966; em Atas - Rio de Janeiro, CNPQ, v. 2, Antropologia, p. 57-68</p> | |
|--|--|

[Links para documentos digitalizados](#)

9. Pessoas de referência

Assim como os recursos documentais, identificar as pessoas de referência para as línguas é fundamental para se conhecer e subsidiar ações de valorização e promoção das línguas nas comunidades. Os inventários deverão identificar dois tipos principais de **pessoas de referência** para as línguas: falantes de referência e especialistas.

9.1. Principais falantes de referência

Identifique os principais falantes de referência da língua, e.g.: sabedores; professores falantes da língua; autores; cantores / músicos; intelectuais/Acadêmicos/Especialistas membros da comunidade, entre outros. Liste os nomes e contatos dos principais falantes de referência, e, caso possível, caracterize esses falantes, ou seja, informe com maiores detalhes que são essas pessoas, sua trajetória de vida e o que as faz serem falantes de referência para a língua. Neste espaço também cabem registros audiovisuais desses falantes, seja a partir da realização de entrevistas sobre diversos temas ou mesmo uma curta biografia de suas vidas contada por eles mesmos.

| Lista de nomes/contatos | <i>Caracterização das pessoas</i> | <i>Links para entrevistas/retratos com falantes de referência no acervo digital</i> |
|---|---|---|
| Porakê Asuriní Po'angakatóa Asuriní Sakamiramé Asurní Wawewohóa Asuriní Kosapo'ía asuriní | Todos os Asuriní aqui listados se comunicam na língua, uns com mais outro com menos conhecimento da língua. | Banco de dados do LALLI-UnB |

| | | |
|-----------------------------------|--|--|
| Torin Asuríní | | |
| Kosakwéna Asuruní | | |
| Morosopía Asuruní | | |
| Torýwa'ía Asuruní | | |
| Kasóangáwa Asuruní | | |
| Apetyráwa Asuruní | | |
| Einóniakahówa'é Asuruní | | |
| Kosapo'ía Asuruní | | |
| Wawéwohówa Asuruní | | |
| Inataráwohówa Asuruní | | |
| Pohánga Katówa Asuruní | | |
| Poraké Asuruní | | |
| Sakamíramé Asuruní | | |
| Karówarohówa (Karoa) Asuruní | | |
| Arekasówa Se'éngawéra Asuruní | | |
| Orokore'á Se'éngawéra Asuruní | | |
| Sahýa Se'éngawéra Asuruní | | |
| Angosá Se'éngawéra Asuruní | | |
| Awaeté Se'éngawéra Asuruní | | |
| Satewopéwa Se'éngawéra Asuruní | | |
| Ehíra Se'éngawéra Asuruní | | |

9.2. Especialistas e demais pessoas envolvidas em pesquisa e ações

Identificação de especialistas (linguistas, antropólogos, educadores) e outras pessoas envolvidas em pesquisas e demais ações de valorização e promoção da língua. Os especialistas podem ser identificados entre pessoas de dentro ou de fora da comunidade. Em geral, devem incluir pesquisadores (linguistas, antropólogos, educadores) ou outras pessoas envolvidas em pesquisas e demais ações de valorização e promoção do saber sobre a comunidade linguística e sua língua de referência. Devem ser identificados seus nomes, seus contatos (inclusive instituição a que pertençam) e uma lista sumária de atividades que realizam.

| Nome | Contatos | São membros da comunidade linguística? | Principais atividades que realiza |
|----------------------------------|--------------------------|--|-----------------------------------|
| Ana Suelly Arruda Câmnara Cabral | asacczoe@gmail.com | [X] não [] sim | Linguista |
| Claudio Emídio Silva | emidiosilva@yahoo.com.br | | Educador e biólogo |
| Robert Miller | robert_safs@yahoo.com.br | | Engenheiro florestal |
| Plácido Costa | placidocostamt@gmail.com | | Biólogo |

10. Instituições

10.1 Escola

A seguir, o INDL propõe duas questões básicas para se avaliar a relação entre escola e língua: **língua como disciplina** e **língua de instrução**. **Alfabetização** é um outro item, que será tratado no módulo diagnóstico sociolinguístico.

a) Língua como disciplina

Em certas escolas a língua de referência pode ser ensinada como uma **disciplina** escolar. Além de identificar se esse é o caso, deve-se indicar o nome da disciplina no currículo escolar, indicar para quais anos/séries a disciplina é

oferecida e em qual/quais escola(s) e localidade(s). Observações adicionais sobre o que de fato se trabalha nessa disciplina, sobre a formação dos professores que a lecionam, etc. são também de grande importância e podem ser descritas no item "Observações" juntamente a outras considerações e análises pertinentes.

| | |
|--|---|
| <p>Identificar se a língua de referência é ensinada como disciplina</p> | <p><input type="checkbox"/> não</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> sim (responder questões abaixo)</p> <p>Escola: apenas nas primeiras séries da educação básica</p> <p>Local: TI Trocará</p> <p>Nome da disciplina: Língua Asuriní</p> <p>A partir de qual série/ano: 1a</p> <p>Até que série/ano: 4a.</p> |
| <p>Observações: Não há formação adequada para que os professores ensinem a língua.</p> | |

b) Língua de Instrução

Com relação à língua de **instrução** (i.e. língua usada para se ensinar as diferentes disciplinas escolares), primeiro os inventários devem identificar se há professores que falam a língua de referência. Obviamente, isso é uma questão básica para este item. Em seguida, pede-se que os inventários respondam se a língua de instrução escolar é somente o português ou (também) a língua de referência. Por último, procura-se saber sobre a quantidade e qualidade de material didático na língua de referência, pois isso também é pré-requisito para o uso adequado da língua de referência na instrução escolar.

| | |
|---|---|
| <p>Identificar se há professores que falam a língua de referência</p> | <p><input type="checkbox"/> sim, todos ou a grande maioria</p> <p><input checked="" type="checkbox"/> sim, mas há muitos professores que não falam a língua</p> <p><input type="checkbox"/> não</p> |
| <p>Identificar a(s) língua(s) de instrução nas escolas:</p> | <p><input checked="" type="checkbox"/> a língua de referencia é usada na instrução escolar</p> |

| | |
|---|--|
| | <input type="checkbox"/> o Português é a única língua usada na instrução escolar |
| Identificar se há materiais didáticos na e sobre a língua de referência | <input type="checkbox"/> sim, em boa quantidade e qualidade <input checked="" type="checkbox"/> sim, mas existem ainda muito poucos e/ou de baixa qualidade <input type="checkbox"/> não |
| Observações: Os materiais usados atualmente pelos Asuriní foram os produzidos e editados pelo LALLI em parceria com os professores e s;abios Asuriní. | |

c) Contexto escolar. Identificar se a situação atual das escolas está:

Classifique numa escala se a situação das escolas está em geral favorável, indiferente ou desfavorável à promoção do uso da língua de referência na escola. A isso segue-se um campo de justificativa: forneça outros detalhes não mencionados ainda e caracterize de modo geral a situação escolar.

| |
|---|
| <input type="checkbox"/> Favorável à promoção do uso da língua de referência na escola |
| <input type="checkbox"/> Indiferente à promoção do uso da língua de referência na escola |
| <input checked="" type="checkbox"/> Desfavorável à promoção do uso da língua de referência na escola |
| Justificativa e caracterização (caso haja) das situações desfavoráveis para a promoção da língua no contexto escolar: Os professores não-índios não valorizam nem os professores nem as aulas de língua materna. |

10.2 Demais serviços públicos

Identificar quais são os serviços públicos que são oferecidos na língua. Marque quantas opções forem necessárias.

| | |
|----------------|--------------|
| [] Saúde | Observações: |
| [] Prefeitura | Observações: |
| [] Outros | Observações: |

10.3 Instâncias não governamentais:

Identificar se há e quais são as instituições que atuam no território da língua e se suas atividades apoiam o uso da língua de referência, quais são e de que maneira o fazem. Ênfase é dada aos tipos de instituições que são vetores para a promoção da língua de referência. Identifique o tipo de organização, se ela é de dentro ou de fora da comunidade, e quais tipos de atividades ligadas à promoção da língua que elas promovem.

| | Identificação (nome e endereço) | Procedência | Atividades realizadas | Observações |
|--------------------------------|---|--|-----------------------|---|
| Associações Representantes | Associação dos Índios Asuriní do Trocará | [] de fora da comunidade [X] de dentro da comunidade | Gestão de projetos | Encontra-se inadimplente, pois precisam de cursos de gestão para poderem gerir com propriedade recursos financeiros e atividades. |
| Organizações Governamentais | | [] de fora da comunidade | | |

| | | | | |
|-----------------------------|-------------|---|--|--|
| | | <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade | | |
| Organismos internacionais | | <input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade | | |
| ONGs nacionais | Eletronorte | <input checked="" type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade | | |
| ONGs internacionais | | <input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade | | |
| Religiosas / missionárias | | <input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade | | |
| Grupos/Coletivos de cultura | | <input checked="" type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade | Atualmente inicia o gerenciamento de um projeto de autosustentabilidade , como processo mitigatório dos danos sofridos pelos Asuriní com a construção da | |

| | | | | |
|---------|--|--|--------------|--|
| | | | ideoelétrica | |
| Outros: | | [] de fora da comunidade [] de dentro da comunidade | | |

10.4 Ameaças para a língua

Indicar se há, quais são e o que fazem organizações que possam ser um fator de ameaça para a língua.

| Instituição | Descrição da Atividade |
|--|---|
| Os pastores evangélicos e a nova igreja evangélica construída dentro da aldeia | Cultos em Português e ensino de ideologia que desfaz da cultura tradicional em todos os aspectos. |

3.5 Módulo Diagnóstico Sociolinguístico⁹

Nota: este módulo contém questões relativas à língua de referência e à comunidade linguística que se mesclam, de modo a caracterizar a língua em relação ao contexto sociolinguístico mais amplo da comunidade.

1. Falantes¹⁰

Nesta seção são apresentados resultados ou estimativas da quantidade de falantes da língua de referência e de outras línguas, contando com uma breve caracterização dessas situações de contato entre línguas em nível individual: quantidade de sujeitos monolíngues (i.e. que falantes de apenas uma língua sendo a língua de referência ou outras), bilíngues (falantes de duas línguas) e plurilíngues (falantes de três ou mais línguas).

1.1 Número de falantes da língua de referência

Preencha o quadro a seguir com as informações requeridas sobre a quantidade de falantes da línguas de referência (em números absolutos). Quando a comunidade de referência for um recorte da comunidade linguística, preencher também a terceira coluna à direita. Vide orientações específicas sobre proficiência e definições de falantes no Volume II do Guia.

| | Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa) | Na comunidade linguística (uma estimativa total) |
|--------------------|---|---|
| Número de falantes | 31 falantes plenos e (dados de 2011) 9 falantes de variedade menos conservadora . Com dois óbitos agora são 29 falantes plenos. | 31 falantes plenos e (dados de 2011) 9 falantes de variedade menos conservadora . Com dois óbitos agora são 29 falantes plenos. |

⁹ Este módulo contém várias questões que devem ser respondidas somente por inventários amplos, pois requerem uma aplicação extensiva e intensiva de técnicas de pesquisa como o *levantamento demográfico*.

¹⁰ Veja os capítulo 4 do volume II para a definição sobre os tipos de falantes e o volume II para orientações técnicas de como se aferir a proficiência dos mesmos.

| | | |
|-----------------------------|-----|-----|
| Número de falantes parciais | 64 | 64 |
| Número de não-falantes | 396 | 396 |

1.2 Estimativa de indivíduos monolíngues na comunidade linguística

Indique em números absolutos a estimativa para os falantes monolíngues das possibilidades de línguas indicadas a seguir na comunidade. Crie novas linhas para inserir novas línguas. Utilize o campo de observações para complementar as informações, bem como para discutir e/ou justificar as quantidades indicadas.

a) Qual a estimativa de falantes monolíngues?

| | Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa) | Na comunidade linguística (uma estimativa total) |
|--|--|---|
| Na língua de referência | nenhum | nenhum |
| Em português | 500 | 500 |
| Nas demais línguas faladas no território | nenhum | nenhum |

Observações: O falante Mundurukú principal foi abrigado pelos asuriní porque sofria ameaças do seu povo. No Trocará casou-se com uma Asuriní, mas ensina Mundurukú aos seus filhos.

1.3 Estimativa de indivíduos bilíngues na comunidade linguística

Indique em números absolutos a estimativa para os falantes bilíngues na comunidade pesquisada em relação a cada

uma das possibilidades indicadas a seguir (língua de referência + português e/ou língua de referência + outra língua que não o português). Utilize o quadro de observações para incluir informações adicionais e/ou para justificar/discutir as estimativas apresentadas.

Entre os falantes da língua de referência...

| | Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa) | Na comunidade linguística (uma estimativa total) |
|--|--|---|
| <i>Quantos também falam português?</i> | 500 | 500 |
| <i>Quantos também falam uma outra língua? Informe a língua</i> | 5 falam Mundurukú | 5 |

Observações:

1.4 Caracterização de situações de indivíduos plurilíngues

Responda às questões a respeito de indivíduos plurilíngues nos campos a seguir.

a) **Quantos são os indivíduos na comunidade linguística que falam três ou mais línguas?**

Utilize números absolutos para apresentar a estimativa (e.g. "50").

| Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa) | Na comunidade linguística (uma estimativa total) |
|--|---|
| nenhum | nenhum |

b) Quais são as línguas mais comuns que um indivíduo plurilíngue domina?

Indique as combinações de línguas em indivíduos plurilíngues mais frequentemente identificadas na comunidade (e.g. Baniwa, Nheengatu e português).

| |
|---------------------|
| Asuriní e Português |
|---------------------|

2. Aquisição

Aquisição é um tema que se desdobra em três questões, as duas primeiras dizem respeito a que línguas são adquiridas como primeira ou segunda língua na comunidade. Apresente-as hierarquicamente e, se necessário, indique mais de uma língua na mesma posição. A terceira questão diz respeito às formas de aquisição da segunda língua pelos membros da comunidade.

a) Qual língua é mais comumente aprendida como **primeira língua**?

Indique mais de uma língua em cada posição, se necessário.

| | |
|----------|-----------|
| Língua 1 | Português |
| Língua 2 | Asuriní |
| Língua 3 | Mundurukú |

b) Qual língua é mais comumente aprendida como **segunda língua**?

Indique mais de uma língua em cada posição, se necessário.

| | |
|----------|------------------|
| Língua 1 | A língua Asuriní |
| Língua 2 | |
| Língua 3 | |

b) **Para as línguas adquiridas como segunda língua, indique:**

Preencha com as informações requeridas quanto à aquisição da segunda língua: i.) identifique a língua através de seu nome; ii) em que fase da vida ocorre a aquisição dela (e.g. na infância, na idade escolar, na fase adulta, etc.); (ii) e em que situações sociais (onde e com quem) a língua é geralmente adquirida (e.g. em casa com os pais, nas ruas com amigos, na escola, etc.). Crie novas tabelas para incluir mais línguas se

necessário

| | |
|---|---|
| Língua: Asuriní | A língua ensinada na escola não leva as crianças a aprenderem a falar a língua. |
| Quando na fase de vida dos indivíduos a língua é adquirida? | Quando criança (mas no seio das famílias conservadoras). a escola apenas ensina vocabulário e frases. |
| Em que contextos sociais ela está sendo adquirida? | No seio das famílias. |

| | |
|---|--|
| Língua: | |
| Quando na fase de vida dos indivíduos a língua é adquirida? | |
| Em que contextos sociais ela está sendo adquirida? | |

3. Transmissão da língua de referência

Esta seção contém duas entradas distintas de dados: na primeira são requeridos os números absolutos e percentual de falantes fluentes, parciais e não falantes em cinco faixas etárias. Este tipo de levantamento permitirá averiguar a taxa de transmissão intergeracional da língua de referência, i.e. a verificação do grau de aquisição da língua para cada geração, seguindo os levantamentos de tipos de falantes para cada faixa etária (infância, juventude, adulta, maturidade e velhice), o que nos levará a perceber eventuais perdas demográficas de falantes fluentes de uma geração para outra. É um campo de informações próprio de inventários amplos.

A segunda questão sobre aquisição é focada na transmissão da língua de referência para a qual cada inventário indicará o grau correspondente, dentre aqueles apresentados, além de uma breve justificativa para a seleção do grau (no quadro observações).

3.1. Taxa de transmissão

Com base em seu levantamento demográfico, indique em números absolutos e porcentagem dos tipos de falantes para cada faixa etária.

| | Falantes Fluentes [1] | | Falantes com proficiência parcial [2] | | Não falantes [3] | |
|--------------------|-----------------------|------------|---------------------------------------|------------|------------------|------------|
| | Nº absoluto | Percentual | Nº absoluto | Percentual | Nº absoluto | Percentual |
| Infância 0-12 | 12 | 2,4 | 20 | 4,0 | 150 | 30,0 |
| Juventude 13-25 | 10 | 2,0 | 15 | 3,0 | 140 | 28,0 |
| Adulta I 26-40 | 9 | 1,8 | 100 | 20,0 | 50 | 10,0 |
| Adulta II 41-60 | 10 | 2,0 | 50 | 10,0 | 25 | 5,0 |
| Idoso +60 | 20 | 4,0 | 0 | 0 | 0 | 0 |

3.2. Grau de transmissão da língua

Indique o grau de transmissão da língua marcando um X na opção adequada). Propomos quatro níveis para a transmissão da língua, definidos da seguinte maneira: i) **estável**: quando todas ou aproximadamente todas as crianças estão aprendendo a língua; ii) **em crise**: quando muitas crianças já não aprendem a língua, sendo isso verdade para um número considerável de residências e/ou localidades dentro do território da língua; iii) **em retomada de crescimento**: quando houve um intervalo na transmissão da língua entre gerações mas houve retomada recente e crianças voltam a aprender com anciãos já que muitas vezes os próprios pais não falam e iv) **interrompida**: quando as crianças não mais aprendem a língua e os últimos falantes nativos são da geração dos adultos ou mais velhos. Utilize o quadro de observações para outras considerações bem como para a discussão / análise do grau selecionado.

| |
|---|
| <input type="checkbox"/> Estável |
| <input checked="" type="checkbox"/> Em crise |
| <input type="checkbox"/> Em retomada de crescimento |
| <input type="checkbox"/> Interrompido |

Observações: Apenas algumas crianças estão aprendendo a língua, mas quando saem de perto dos pais e avós não têm motivações nem input.

4. Escrita e Leitura

Neste tópico estão contemplados diagnósticos de dois tipos: o primeiro é o do ensino de leitura e escrita na língua de referência através das escolas na comunidade linguística, trata-se de um diagnóstico institucional, portanto. Em 4.2 estão questões de diagnóstico no nível individual, a respeito de proficiência em escrita e leitura, que deve abarcar a língua de referência e o Português. Se a língua de referência não possui ortografia, obviamente este item não se aplica a ela.

4.1 Alfabetização

Identificar em que língua ocorre a alfabetização em escolas situadas dentro do território da língua. Sugere-se utilizar o quadro de observações para inclusão de demais considerações pertinentes.

| Escola | Local de ocorrência da língua | Línguas de alfabetização |
|---|-------------------------------|--------------------------|
| | lar | Português |
| Observações As crianças pequenas aprendem a língua materna em casa, principalmente com os avós. Na escola todo o ensino é oferecido em Português. O ensino da língua na | | |

escola é fraco. Não há metodologias e alguns professores de língua não falam a língua nativa.

4.2 Proficiência em escrita e leitura

Nas tabelas a seguir, indique a quantidade de indivíduos com relação às habilidades de leitura e escrita na língua de referência (a) e em português (b). Assumimos três níveis de proficiência: pleno, parcial e nulo. Leitura e escrita devem ser avaliadas separadamente.

a) Língua de referência

| Nível de proficiência | Leitura | | Escrita | |
|-----------------------|-------------|--|-------------|--|
| | Nº absoluto | Estimativa em relação à comunidade linguística | Nº absoluto | Estimativa em relação à comunidade linguística |
| Pleno | 12 | 12 | 10 | 10 |
| Parcial | 8 | 8 | 1 | 1 |
| Nulo | 480 | 480 | 479 | 479 |
| Observações | | | | |

b) Português

| Nível de proficiência | Leitura | | Escrita | |
|-----------------------|-------------|--|-------------|--|
| | Nº absoluto | Estimativa em relação à comunidade linguística | Nº absoluto | Estimativa em relação à comunidade linguística |

| | | | | |
|-------------|-----|-----|-----|-----|
| Pleno | 300 | 300 | 200 | 200 |
| Parcial | 100 | 100 | 50 | 50 |
| Nulo | 100 | 100 | 100 | 100 |
| Observações | | | | |

5. Situações de usos¹¹

5.1 Língua mais frequente

a) Qual língua é mais frequentemente usada nas situações cotidianas na comunidade?

Marque mais uma se necessário. Este item pode ser respondido como base em um levantamento demográfico ou por conhecimentos gerais de pessoas chave e observação etnográfica.

| | |
|----------|-----------|
| Língua 1 | Português |
| Língua 2 | Asuriní |
| Língua 3 | Munduruku |

5.2 Situações comunicativas

Discuta as diferentes situações comunicativas cotidianas na comunidade linguística tomando como base os seguintes pontos:

- Qual língua é usada em cada situação
- Qual o Âmbito/Local onde cada situação ocorre
- Quais são os interlocutores (como quem se fala) em cada situação
- Qual o meio de cada situação: Meio Oral/Sinal; Meio Escrito; Meio eletrônico (computador, internet, redes sociais, celular, etc.)

| |
|-----------|
| Português |
|-----------|

¹¹ Veja o volume II para maiores orientações.

5.3. Dinâmica dos usos da língua de referência:

Para esta questão, classifique a situação dos usos da língua de referência numa escala conforme as definições a seguir, escolhendo a mais apropriada. Em seguida, no campo “Justificativa e detalhes”, preencha com breves informações sobre a escolha do grau (a que se deve), além de outras considerações e análises pertinentes ao tema.

a) Identifique como está a situação dos usos da língua de referência a partir de um dos níveis abaixo:

4. Uso em expansão: quando a língua é usada em todas as situações de contatos interpessoais na comunidade linguística e vem expandindo seu uso para novas situações sociais e esferas públicas mais amplas, dentro e/ou fora da comunidade .

3. Uso estável: quando a língua é usada em todas as situações de contatos interpessoais de seus falantes dentro da comunidade linguística, mas não existe um quadro de expansão de usos da língua para certas situações sociais inovadoras dentro da comunidade linguística ou para fora dela .

2. Uso em retração: quando a língua vem perdendo espaço nas situações sociais em que ela tradicionalmente era falada, sobretudo nas esferas privadas da vida familiar e internas à vida comunitária.

1. Uso restrito: quando os falantes utilizam a língua em situações sociais muito específicas, como em situações religiosas, festivas, ritualísticas, etc.

0. Uso interrompido: quando os últimos falantes nativos da língua não mais a utilizam, somente em raríssimas e especiais situações (e.g. quando são pedidos para falar na língua).

| | |
|---|---------------------|
| Língua de Referência | [4] Uso em expansão |
| | [3] Uso estável |
| | [2] Uso em retração |
| | [1] Uso restrito |
| Em retração, considerando o número de óbitos de falantes plenos | |

| | |
|--|----------------------|
| | [0] Uso interrompido |
|--|----------------------|

Justificativa e detalhes: Embora avós e pais estejam se esforçando para ensinar a língua nativa para os netos, os velhos sábios estão indo embora, de forma que a única estratégia do que é conhecido na literatura como ninhos linguísticos não está aumentando o número de falantes atuais. O número de falantes é mantido. Contudo, vendo sob o prisma do estado de mortalidade, verificou-se nos últimos anos mortes de crianças indígenas e de falantes plenos da língua nativa.

5.4. Usos linguísticos especiais da língua de referência

Caracterize os tipos de usos especiais da língua de referência, ou seja, aqueles marcados por um valor cultural especial, destacados dos demais usos cotidianos na língua devido ao fato de acontecerem em domínios sociais especiais e implicarem uma manipulação dos repertórios linguísticos de forma diferenciada baseado na auto identificação da comunidade (e.g. tipos cantos, tipos de narrativas, tipos de diálogos cerimoniais, etc.). Indique o seu nome (crie um se necessário), faça uma breve descrição das características formais e dos conteúdos expressos por esse tipo de uso e o domínio social onde/quando ocorre. Para ilustrar os tipos de usos identificados, utilize os links para dados do acervo digital.

| Nome ou outra forma de identificação dos usos linguísticos especiais | Breve descrição das características formais e dos conteúdos de cada uso | Situações sociais onde tendem a ocorrer | <i>Links para arquivos no acervo</i> |
|--|---|---|--------------------------------------|
| Músicas Falas do Pajé | As músicas têm dono. As mais antigas são cantadas | Em rituais festa e comemorações. | |

| | | | |
|--|---|--|--|
| | <p>em rituais especiais, outras são cantadas para rememorar fatos históricos, outras estão relacionadas aos mitos.</p> <p>As músicas mais antigas possuem segmentos sonoros inalisáveis. São apenas repetidos.</p> <p>A fala do Pajé é específica dele, quando recebe karuáras. Possui expressões interjetivas próprias associadas a danças e gestos e aspirações e sopros.</p> | | |
|--|---|--|--|

6. Atitudes linguísticas na comunidade

Nesta seção estão explícitas duas questões sobre atitudes linguísticas dos falantes frente à língua de referência, mas vale lembrar que tais questões estão dispersas por todo o formulário, já que essa é a natureza do tema. Nos dois itens a seguir espera-se que os inventários apresentem e discutam como as línguas funcionam (ou não) como referência cultural, como elemento de distinção e marcador de identidade(s) dos grupos.

6.1. Grau de atitudes dos falantes com relação à língua de referência

Marque com um X a opção mais adequada, conforme as categorias propostas. Utilize o quadro de observações para

problematizar a escolha e apresentar outros detalhes acerca do tema.

| | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Extremamente Positiva | A comunidade tem a língua como um importante valor sociocultural e procura se organizar para garantir o fortalecimento e a expansão dos usos sociais da língua |
| <input checked="" type="checkbox"/> Positiva | A comunidade tem a língua como um valor sociocultural e gostaria de vê-la sendo transmitida para as novas gerações |
| <input type="checkbox"/> Indiferente | A língua não é uma questão importante para a comunidade |
| <input type="checkbox"/> Negativa | A comunidade não tem a língua como um valor cultural, e em geral é contra iniciativas para apoiar a transmissão da língua na comunidade |
| Observações | |

6.2 Atitude em relação às demais línguas

Caracterize, em um texto analítico sucinto, a atitude da comunidade linguística sobre as outras línguas faladas em seu território, incluindo o português (quando for). Mencione, quando possível, exemplos de situações de contato linguístico, como empréstimos, diglossias, code-switching, etc.

O depoimento de Ipipawa Asuri é bastante representativa dos Asuriní em geral sobre o uso do Português e da língua nativa. ao ser perguntado sobre sua visão de uso das duas línguas ele respondeu:

Hoje a Língua Portuguesa, hoje nos tamo copiando, mas a principal é a própria língua Tupí né, que é a nossa né, desde que nossos pais, nossos bisavô nasceram, já vem com essa fala, essa língua, então oprincipal é nossa lingua né porque eles já morreram né e hoje nossos pais tão aí,tenho certeza que um dia eles vão embora, mas o principal que a gente tem que trabalhar em cima é dessa nossa língua pra que nossos filhos e futuramente os filhos de nossos filhos também tenha um conhecimento um pouco da nossa língua(...)" (Ipipawa Asuriní).

Os Asuriní querem aprender bem o Português, mas querem sobretudo poder falar a língua nativa. Outros depoimentos confirmam isso:

“Em casa, com os velho, eles falam pouco em português, mas é mais em português, eles falam na língua e agente responde em português; quando é mais fácil a gente responde na língua. (...)” (Sowia Asurini); e “Com os mais velhos, quando nós estamos em reunião, quando eles estão juntos com os jovens. Quando tem alguma coisa pra se discutir, a gente tem que responder na língua pra eles entendê. Com os filho, nomes de objeto, pra pedir, nome de colhé takuípia, pede coisas na língua (...).”

[Links para entrevistas/reuniões com falantes de referência](#)

7. Síntese

7.1 Língua de maior importância no território da língua de referência

- a) Nesse momento, qual ou quais língua(s) a pesquisa identifica como de maior importância, considerando os critérios acima listados (aquisição, transmissão, usos, atitudes)? É possível estabelecer uma hierarquia entre as línguas nesse sentido?

Essa questão é uma espécie de síntese sobre todo o item usos linguísticos. Para responder essa questão sugerimos que importância social seja avaliada com base nos seguintes critérios: 1) **Demografia**: são mais importantes as línguas com um maior número de falantes e falantes potenciais. Esse é um critério puramente quantitativo – línguas mais populosas são mais importantes na comunidade – apesar de falantes potenciais requerer um olhar apurado sobre o valor cultural de uma língua; 2) **Aquisição**: em geral, são mais importantes as línguas que são adquiridas como primeira língua pela maioria da população. No entanto, se for detectado que uma língua está sendo aprendida como segunda língua por um número grande de pessoas na comunidade, é importante entender o porquê disso – o que consequentemente poderá colocar essa língua como uma das mais importantes na comunidade; 3) **Domínios sociais**: são mais importantes as línguas que são usadas na maioria dos domínios sociais da vida comunitária – sobretudo os domínios tidos como mais importantes. É, pois, necessário um olhar etnográfico apurado sobre esses domínios: quais deles são mais básicos para a vida social, quais deles são mais tradicionais ou mais inovadores, quais são tidos como culturalmente mais importante? É comum que haja um divisão dos domínios sociais e as línguas: e.g. Português é usado na escola e no trabalho, e Japonês é usado em casa e nas cerimônias religiosas. Ou é comum que num mesmo domínio mais de uma língua seja usada: e.g. em casa usa-se tanto o Português quanto o Alemão; 4) **Valor cultural**: São mais importantes as línguas cuja comunidade percebe como sendo mais marcante para identidade coletiva do grupo, aquelas que são atribuídas de um valor cultural diferenciado como uma referência cultural.

Identificar *uma a no máximo três línguas* mais importantes na comunidade linguística. Em caso de mais de uma

língua, listá-las começando pela mais importante até a menos importante.

| | |
|--|-----------|
| Língua 1 | Asuriní |
| Língua 2 | Português |
| Língua 3 | Mendurukú |
| Justificativa:A língua Asuriní está morrendo, mas a grande maioria dos Asuriní querem mantê-la, resgatar o conhecimento sobre ela e fazê-la tornar-se a principal língua de comunicação. querem o bilinguismo. | |

7.2 Panorama das línguas em contato

No campo abaixo, apresente uma breve análise e discussão de como diferentes línguas coexistem na área de abrangência da pesquisa. Utilize como guia as questões abaixo, além de outras consideradas pertinentes.

- Há uma quantidade considerável de indivíduos bilíngues ou plurilíngues?
- As famílias nucleares e as comunidades tendem a ser multilíngues?
- Existe uma (ou mais) línguas francas para a comunicação entre os grupos?
- Como as diferentes línguas circulam nos espaços de convivência social na região?
- Há línguas que estão em risco devido ao crescimento de outras línguas?
- Há elementos linguísticos e/ou comportamentos verbais recorrentes entre as línguas? Quais?

O Asuriní está correndo alto risco de desaparecimento. As famílias nucleares tendem a ser monolíngues em Português, e as famílias que mantêm a transmissão da língua são as famílias dos caciques mais conservadores. Atualmente os conservadores falam mais na língua e alguns se mudaram para uma aldeia mais distante par que lá as crianças ficassem sob menos influência do Português. Uma delas, a mais importante entre das novas aldeias, é a aldeia Ororitáwa.

O Mundurukú dificilmente terá ampliado seu uso, mas nada podemos dizer no momento.

3.6 Módulo Avaliação de risco e ações de valorização e promoção

Nota: este módulo do formulário consolida o diagnóstico sobre vitalidade da língua, das ações de valorização e promoção da língua existentes e futuras.

1. Ações de valorização e promoção¹²

Nos campos a seguir, identifique e caracterize ações de valorização e promoção da língua de referência já existentes e outras indicadas pela comunidade como demandas.

1.1. Identificação e caracterização de ações de valorização e promoção

a) Identifique e caracterize as principais ações de valorização e promoção que a língua existam atualmente

No quadro a seguir, utilizando quantas linhas forem necessárias, identifique as ações de valorização ou promoção que a língua esteja envolvida atualmente ou que tenham ocorrido recentemente. Para tal, denomine a ação (e.g. encontro de falantes; oficinas para elaboração de material didático; etc); os atores envolvidos (i.e. quem participa dessas ações, e.g. professores; agentes de saúde; etc); as atividades desempenhadas e demais observações pertinentes a respeito dessas ações.

| Denominação da ação | Atores envolvidos | Atividades desempenhadas | Observações |
|-----------------------------------|---------------------------------------|---|----------------------------------|
| Apresentações de danças e músicas | todos | Danças e cantam em apresentações dentro e fora da aldeia | Os Asuriní amam se apresentarem. |
| Esporte | jogos de futebol masculino e feminino | Os jogos têm sido fator de união e de retomada das músicas e danças, pois as três atividades se | Os Asuriní adoram ser campeões. |

¹² Veja o capítulo sobre salvaguarda no volume I.

| | | | |
|--|----------------------|--|--|
| | | associam | |
| A inclusão do ensino da Língua Asuriní no currículo escolar. | professores e sábios | Aulas, pesquisas, debates, rituais na língua, danças e músicas, esporte, e atividades econômicas, sendo a comunicação na língua. | |

1.2. Demandas da comunidade para a salvaguarda da língua

Identifique, em quantas linhas forem necessárias, as demandas da comunidade para a salvaguarda da língua, explicitando para cada uma delas a justificativa (o porquê se quer tal ação), seu nível relativo de prioridade em relação às demais demandas, as ações necessárias esperadas, os atores potenciais (quem seria mobilizado para tal iniciativa), as pessoas ou instituições a quem devem ser encaminhadas as demandas e demais observações pertinentes.

| Demanda | Justificativa | Prioridade | Ações necessárias | Pessoas ou instituições a serem encaminhadas as demandas | Observações |
|---|---------------|--|---|---|-------------|
| Ensino da língua nativa na escola Documentação ampliada da lína e da | | <input checked="" type="checkbox"/> Alto <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo | Formação adequada dos professores para o ensino da língua e criação de materiais variados que | Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (Laboratório de Línguas Indígenas) Secretaria de Educação do Município de | |

| | | | | | |
|--------------------|--|--|---|---|--|
| cultura Asurini | | | permitam os aprendizes a ouvir a língua falada e cantada maximamente. | Tucuruí Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Ministério da Cultura | |
|--------------------|--|--|---|---|--|

2. Vitalidade linguística¹³

A classificação das línguas na escala de vitalidade linguística deve seguir três passos básicos: 1. A determinação do índice de GRAU DE TRANSMISSÃO e DINÂMICA DOS USOS SOCIAIS DA LÍNGUA, respectivamente critérios primário e secundário; 2. A percepção da relevância dos critérios adicionais; 3. A indução do grau de vitalidade da língua com base numa interpretação dos critérios acima, bem como de demais fatores diagnosticados que possam ajudar a traçar um quadro prospectivo do futuro da língua.

A combinação dos critérios primário e secundário definem a priori certas possibilidades de classificação das línguas, mas não são critérios absolutos. Conforme se vê na tabela a seguir, alguns graus são idênticos com relação aos critérios primário e secundário. Cabe às equipes executoras dos inventários interpretar os critérios adicionais para decidir o grau (mais ou menos) preciso que a língua se encontra.

2.1. Grau de vitalidade da língua

Marque com um X a alternativa adequada para aferir o grau de vitalidade da língua de referência. Utilize a tabela a seguir para essa seleção.

| | |
|----------------------------------|--|
| <input type="checkbox"/> 6 Forte | <input type="checkbox"/> 2 Desaparecendo |
|----------------------------------|--|

¹³ Veja o volume II para orientações mais específicas sobre a temática de vitalidade linguística.

| | |
|--|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> 5 Vulnerável | <input type="checkbox"/> 1 Adormecida |
| <input type="checkbox"/> 4 Ameaçada | <input type="checkbox"/> 0 Extinta |
| <input checked="" type="checkbox"/> 3 Severamente Ameaçada | |

| GRAU DE VITALIDADE | CORRELAÇÃO ENTRE OS CRITÉRIOS | | |
|-------------------------------|---|-------------------------------------|---|
| | TRANSMISSÃO DA LÍNGUA | DINÂMICA DOS USOS SOCIAIS DA LÍNGUA | ADICIONAIS |
| 6-Forte | ESTÁVEL | EM EXPANSÃO | a) Tamanho populacional para falantes nativos e potenciais b) Graus de atitude c) Situação escolar d) Qualidade e Quantidade de Documentação sobre a língua e) Falantes de Referência <i>outros...</i> |
| 5-Vulnerável | ESTÁVEL | ESTÁVEL | |
| 4-Ameaçada | EM CRISE OU EM RETOMADA DE CRESCIMENTO | EM RETRAÇÃO | |
| 3-Severamente Ameaçada | EM CRISE OU EM RETOMADA DE CRESCIMENTO | EM RETRAÇÃO | |
| | INTERROMPIDA | RESTRITO | |
| 2-Desaparecendo | INTERROMPIDA | RESTRITO | |
| 1-Adormecida | INTERROMPIDA: não há mais falantes fluentes vivos | INTERROMPIDO | a) Há falantes potenciais em um bom número |
| 0-Extinta | INTERROMPIDA: não há mais falantes fluentes vivos | INTERROMPIDO | a) Não há falantes potenciais |

2.2. Fatores a que se atribui o atual estado de vitalidade da língua

Descreva em um breve texto analítico os principais fatores a que se atribui o atual estado de vitalidade da língua.

Descaso das instituições públicas que oferecem serviços de saúde e de educação para os Asuriní, principalmente da Fundação Nacional do Índio, que deveria ajudar os povos indígenas terem assegurados os seus direitos constitucionais.